



*Francisco Maria Bordalo.*

## FRANCISCO MARIA BORDALLO

*Sunt lacryma rerum!*

O nome, que hoje commemoramos, é o de um homem, que ainda hontem foi entre nós affectuoso amigo, ameno escriptor, consumado official do mar. Ao sair da infancia logo embalado no rollo tempestuoso das vagas, familiar com os perigos tão frequentes na inconstancia do elemento, que sulcava, aprendeu em tão severa escola a só inclinar a fronte diante de Deus, cujas maravilhas admirára na vasta immensidade dos oceanos percorridos na sua incansavel peregrinação.

Ao tocar em metade apenas da carreira, já pendido ha mezes para o sepulchro por fadigas, que resumiam longos annos de trabalhos em poucos de idade, a morte apressando-lhe as ultimas horas, chamou-o a descansar.

Modello de brios, coração viril em affrontar as adversidades, e facil em se abrir ás illusões, era a alma do soldado realçada pela phantasia de poeta, era a sinceridade quasi infantil propria da tenra juventude, e rara nos annos mais maduros. Não conhecendo do mundo, pelos desenganos, senão o que mais se harmonisava com a nobresa de seus instinctos, deixae-o dizer-se sceptico, porque as cans precoces, que alardeia, não lhe avelhentarão o espirito, nem lhe endureceram o peito. A palavra e o sorriso, que lhe brincavam nos labios mostravam, que tarde, e só tarde, provaria d'esse amargo fructo denominado descrença por

uns, e experiencia por outros, que não se colhe senão com os pés já frios do inverno da vida, e o sudario regelado da idade sobre os sentimentos.

N'aquella testa, que se rasga pura de nuvens, n'aquelle rosto aonde se lê a isempção do character, o ardor do coração, e o ar-rojo de marítimo afeito a luctar com as ondas, finalmente n'aquella vista, que adormece com a meditação, e tão prompta fuzila com a ira e o enthusiasmo, tudo encontrareis menos a palida e triste desconsolação do homem, que mede os passos com desconfiança, espreitando no semblante alheio a hypocrisia, ou a torpesa.

É o typo militar no seu mais bello aspecto, unindo á expressão do valor tranquillo e senhor de si a espiritualidade filha do engenho.

Ainda nos ultimos dias, e já com as sombras do tumulo nas feições, arrastava-se para a derradeira morada com uma firmesa, que cegou de falsas esperanças os que não sabiam que poderes tinha aquelle coração para contemplar sereno ao limiar da eternidade o proximo fim, que por vezes vira cavado nos abysmos das aguas, ou ameaçal-o rugindo enovelado no vulcão, cujas azas inflammadas varriam diante de seus olhos o procelloso mar da China.

Separou-se da existencia como se respirasse aliviado de um peso insupportavel!

E que saudades levaria da terra, em que a fortuna lhe fora pouco amiga, aonde marinheiro, soldado e escriptor só encostado ao proprio merito subira a um por um os degrãos, para elle ingremes, dos postos e cargos que alcançou?

Vendo saudar em triumpho as gralhas enfeitadas, e os adula-dores de si proprios; vendo o incenso desenrolar-se dos turybulos para empanar ainda de mais fumo as vocações vadias, ou rachiticas, as vaidades nuas de estudo e de talento, mas entume-cidas de soberbas pueris; vendo em tantas occasiões os parvos recostados no logar dos doutos, os especuladores de popularidade vã na cadeira de Catão, os manigripes da moral á banca da usura, e os tartufos do progresso nos pulpitos da liberdade, Bordallo o que havia de esperar, ou querer da sociedade, aonde homens e cousas tudo era tão pequeno e insignificante? Iria acotivelar na carreira o correio cansado de choutear atraz do anonymo de hontem feito homem grande, ou disputar a palma á eloquencia desdentada de algum macrobio, desbotada taboleta de falsas auras sem fundamento.

Iria oppor-se aos aphorismos caducos dos veterinarios, hoje sem freguezes, das patrioticas insurreições?

Para competir com semelhante plebe fôra necessario ter a condescendencia de se acanhar á estatura dos seus heroes.

Accordado ás vezes de outros cuidados pelo zumbido importuno de ambições ainda mais comicas do que offensivas, o auctor do *Passeio de sete mil legoas*, se algumas vezes se distrahiu, despedindo uma ou outra seta do arco politico, em geral, consolava-se da contemplação melancolica do presente com as recordações das épocas, em que o esplendor das letras e a gloria das armas grangearam invejados brazões a este mesmo Portugal, hoje presa dos arimethicos inventados em estadistas, dos graciosos guindados por obra e graça do riso epigrammatico, dos retabulos ornados de arminhos e fitas, aos mais altos cargos, emfim dos cortesãos, cujos titulos ao mando teem sido a mudez, a inercia, e um somno de pedra.

Repugnando-lhe os episodios da vida publica, em que os actores, eram taes, e ao mesmo tempo sentindo nas faces arder o pejo diante das saturnaes do pauperismo intellectual e politico, Bordallo escondia-se das ostentações, que outros cortejavam.

Em vez de as requestar, evitava-as.

De que lhes serviria em realidade uma cadeira na Camara, um bofete na secretaria, ou mais uma fita ao peito? A vocação não o attraia para as lides da palavra. A sua penna corria mais solta pelas paginas do romance, ou do livro imaginoso, do que se prestava a entretecer o exordio e a peroração de um documento official. O resto nem lhe lembraria! Semelhante ao Nathaniel Bempo de Cooper, ao qual se comparava ás vezes pela identidade da existencia errante, quando chegasse a hora suprema, moço, ou vergado aos annos, chefe de esquadra, ou capitão tenente, sabia que levantaria a cabeça na presença dos homens, e que responderia á voz de cima com a mão no peito e sem trepidar — aqui estou senhor!

É que n'aquella farda lisa de condecorações a sombra de uma nodoa nunca maculára o lustre dos brios guerreiros. É que recolhido na sua pobreza, entre os livros e o trabalho, dedicado á satisfação de deveres domesticos, que só entendem almas como a sua, nem a suspeita de um pensamento mau, nem o sobresalto de um remorso, nem as inquietas vigalias de cubiças e de ambições sedentas, lhe transpuzeram nunca os umbraes da porta, lhe agitaram o somno, cravando-lhe de espinhos o leito, ou lhe disvelaram as noites perdidas em calculos impuros.

Com verdade disse uma vez de si: — «fugindo das sociedades secretas para o claro da praça publica, sem ter porque me punjam os remorsos tenho atravessado por entre as vicissitudes da

época, com a mão na consciencia, ainda que com o coração oppresso de melancolia, cumprindo os deveres de militar sem baixesa, os de escriptor publico sem venalidade, e os de particular com independencia. Páro tranquillo, e digo lançando a vista sobre o passado: — Nunca fiz mal aos meus semelhantes.»

«O meu somno não é perturbado por spectros.»

Não pobre amigo, o teu ultimo somno não será perturbado pelos spectros, que tantas vezes inquietam a noite do tumulo, áquelles que desceram a elle curvados sob o peso das queixas, das lagrimas, e das desditas alheias.

Repousa tranquillo!

A boa memoria do teu nome, precioso legado que tão illeso quizeste sempre guardar, mais ainda que os louros da guerra, que as ancoras do mar, e do que as coróas das lettras, será como uma eterna aureola sobre a tua campa.

Os prantos, que a regam, as flores que se esfolham sobre ella, as vozes que murmurarem as orações do descanso junto da terra, que te cobre, serão prantos saudosos, flores de amisade, vozes da alma, que se consola da ausencia fallando a Deus, do que perdemos para sempre.

Repousa! Mais feliz do que nós — no seio do Senhor, aonde tudo é luz e serenidade, — não verás ao menos o que mais tardios em te seguir na mesma jornada, talvez nós estejamõs fadados a deplorar.

Dorme amigo! Tu que tanto amavas a terra do teu berço, tu que eras tão fiel a todas as grandes affeições, a todas as nobres inspirações, chamou-te Deus, quem sabe, para não assistires ao acto mais doloroso da vida de um povo — á sua agonia moral, seguro annuncio da sua morte politica.

Em torno de nós tudo são trevas, desalento e tristesa. Sobre os horisontes escuridão presaga de grandes tormentas; sobre o futuro um véo de lucto, que talvez maiores infortunios hajam de levantar cedo. Quando as nações á força de baixar se desconhecem a ponto de entregarem o seu remedio aos empiricos mais ignorantes... só um milagre da providencia as salva. Merecemos esse milagre?

## II

Francisco Maria Bordallo nasceu em Lisboa no dia 5 de Maio de 1821, quasi á mesma hora em que Napoleão Bonaparte entregava ao Creador o maior espirito d'este seculo, e talvez do mundo, no rochedo de Santa Helena.

Na auto-biographia, que tinha composto para este Jornal, datada de 2 de Setembro de 1860, o auctor de «Eugenio,» alludindo a tão notavel coincidência, exclamava: «Creia o leitor que apesar do que esta circumstancia pôde ter de orgulhosa, só verá os singelos apontamentos de um pobre marinheiro, despido de condecorações, que não é, e nunca foi socio, ou irmão de academias, confrarias, ou outras quaesquer associações, que nunca teve o que se chama uma posição politica, nem uma reputação litteraria, porque nem mesmo á sociedade da *admiração mutua* quiz pertencer...

Nos *Trinta annos de Perigrinação*, opusculo estampado em Macau no anno de 1852, referindo-se ao facto de ter visto a luz, quando o grande astro do maior capitão se sumia para sempre no occaso, Bordallo na sentida prosa, que lhe inspiravão tão longe do ninho paterno as saudades da formosa Bahia do Tejo, diz de si o seguinte: «No dia, em que exhalava o ultimo suspiro o «maior vulto historico apparecia ao mundo a humilde creatura, «que escreve estas singelas páginas... mas fadado a perigrinar, «desde tenra idade com vocação para o mar só gosei do repouso «no seio da familia até aos doze annos. D'ahi em diante comecei a viajar, e se por muitas vezes volvi á patria e me demorei por alguns annos n'ella, nunca mais tornei a alcançar a «paz de espirito e o socego proprios da primitiva idade. Na Europa, na Africa, na Asia, na America e na Oceania — por entre «borrascas e calmarias, sobre gelos e exposto aos ardores tropicaes — passei dias amargurados, e tambem felizes, se ha na «vida dias que possam ter esse nome. Gozei e padeci muito. Encontrei corações que o meu entendeu.... mas ainda mais peitos «refalsados, que especularam com a minha sinceridade, com os «mais santos impulsos da alma !.... E tantos que fizeram de mim «o que hoje sou reservado, desconfiado, incredulo!»

N'esta descripção do homem interno o poeta enganava-se pintando-se outro e diverso do que era. A candura do seu espirito sobreviveu a todos os enganos. Por mais que o magoasse na vida o attricto da sociedade ao perpassar, a flôr viçosa das illusões juvenis nunca se murchou de todo para elle. Cerrou os olhos com os enlevos e as falsas esperanças dos annos venturosos da primeira mocidade.

José Joaquim Bordallo e D. Magdalena Gertrudes Diniz foram seus paes. Larga familia contou ainda no berço, bem diminuida depois. De quinze irmãos, que eram todos, apenas contava um quando expirou. Dois ficaram sepultados no oceano; a elle, tantas vezes ameaçado da mesma sorte, salvou-o a fortuna, e quasi pela

mão o trouxe á terra da patria para que ao menos dormisse á sombra dos seus ciprestes melancolicos o derradeiro somno. Foi a resposta a uma pergunta? Quiz Deus que os seus ossos repouzassem ao lado dos d'aquelles a quem devêra a vida? Talvez invejasse mais o silvar da balla que fere como o raio, ou o sudario espumante das vagas; mas para homens como elle, é indifferente acabar aqui, ou além, com tanto que a ultima oração seja na lingua materna tão suave aos ouvidos do moribundo, e que a cruz humilde, ou que o marmore funerario se erga triste no torrão sagrado por sacerdote portuguez. Em um coração como aquelle, o amor do berço natal resume a extrema ternura, que encerra todos os affectos.

Bordallo foi o ultimo de quinze irmãos, com que Deus abençoou a casa paterna. Nascido, quando as idéas liberaes despontando do meio do fumo e do embate das armas, começavam a dilatar-se, e a conquistar proselitos, parece que respirou o ar forte dos livres para nunca poder supportar o silencio, e as algemas lançadas ao pensamento.

A revolução do anno de 1820, antecipando-se com generosa, mas pouco segura inciativa, á educação e ás aspirações de um povo, que gemia impaciente sob o jugo da tutela britannica separado do seu rei, não soube fundar as instituições representativas copia pouco reflectida dos codigos politicos de outros reinos tambem na infancia, e ainda no balbuciar incerto do systema.

Os inglezes desterrados do exercito e do governo acolheram-se á sua ilha; o monarcha advertido pelos acontecimentos voltou do Brazil para Lisboa, e os cortesãos figurando-se liberaes por momentos em odio ao estrangeiro, assentaram-se nas cadeiras do congresso.... para algum d'elles as acutilar depois.

A imprensa livre encetou o arriscado noviciado dos que pisam desajudados asperos caminhos. A tribuna revelou á Europa os fugosos raptos da eloquencia meridional; e mais de um ensaio abortado, mais de uma tentativa, que os reformadores se não atreveram a realisar, assustados pelo spectro do passado, veio attestar que o sonho de alguns homens mais adiantados do que o seu tempo, e de que os desejos de seus conterraneos se desvaneceria breve nas trevas da premeditada reacção.

Foi o que aconteceu. Silva Carvalho, D. Francisco de S. Luiz, Felgueiras, Luiz Antonio Rebello da Silva, Borges Carneiro, e outros, remirão no exilio, nos carceres, ou nos degredos o erro de acreditarem na fé jurada pelo soberano.

A junta apostolica, inspirada pelo fanatismo, e pelos resentimentos da esposa de D. João VI, (o mais innocente de todos nas violencias politicas e religiosas, apesar de ser o imperante) todos os dias enriquecia com os nomes de novas victimas as taboas de proscricção. Ciosa da confiança concedida aos ministros do rei absoluto, que a não acompanharam nos delirios, estranhando n'elles a prudencia como delicto de lesa-magestade, dispoz tudo para de um só golpe decapitar o partido liberal, e assignalar no throno mais uma abdicacção, celebrando as exequias das idéas modernas no meio do prestito lugubre dos martyres volados ao patibulo.

Deus compadeceu-se n'esse dia, que amanhecera triste, da ruina de Portugal. Os conspiradores desarmados passaram dos jubilos do triumpho para as gemonias. O principe, aclamado chefe, despediu-se repentinamente das praias de Lisboa, e a paz, renascendo á sombra da tolerancia, abriu a estrada da patria a muitos que suspiravam, alongando a vista das margens do Tamisa, das campinas da França, ou dos risinhos jardins da Italia.

Era a pausa que precede as grandes tempestades.

O bondoso monarcha, mais tímido e ameaçado do que os defensores da constituição, proscriptos em seu nome, adoeceu da enfermidade, que o levou ao tumulo. Além dos mares, no vasto imperio, que cedo havia de deixar, dando o raro exemplo de ceder duas corôas, D. Pedro, o seu herdeiro, confirmou as esperanças das gerações, que entusiastas, n'esses agitados dias hastiavam como symbolo da futura regeneração a bandeira das instituições livres.

A carta foi outhorgada no Rio de Janeiro, e o sceptro de Portugal passou do successor de D. João VI ás mãos de sua filha, predestinada desde os ternos annos para regar com as lagrimas do desterro e do infortunio os degraus do throno, a que a victoria por fim a exaltou.

Não é para aqui narrar os erros, e hesitações, que aplanaram á segunda reacção o caminho juncado de cadaveres, por onde atravessou depois de usurpar o poder,

Os que foram réos de receios panicos, e tergiversações reprehensíveis em 1826 e 1827, punidos e desenganados, expiaram no fundo das masmorras, nas ancias de cruel incerteza, e em largos mezes de exilio a culpa irreparavel.

Avisada pelos revezes passados a facção apostolica, por um lado firmada nas declamações apaixonadas dos pulpitos e confessionarios, excitada do outro pelos clamores da plebe escrava do monarchismo, e implacavel nos rancores, não perdoava ao en-



genho, nem á consciencia o crime de não adorarem como ella de joelhos os idolos do passado.

Não confundimos um partido inteiro na responsabilidade de alguns sicarios. Caia sobre esses só o desprezo e a nodoa que tornou os seus estandartes execrados!

Muitos, que viam nas velhas formulas o condão fatidico das antigas prosperidades deploravam, como nós, as pompas lugubres dos supplicios, o silencio dos calabouços, e as vindictas consentidas a algozes e espias. Instrumentos detestados apressaram a queda aos que serviam, porque nunca salvaram nenhuma causa, antes foram sempre efficazes para perderem e deshonorarem todas.

A resistencia de um punhado de heroes separados de todos sobre um rochedo no meio do oceano, a sua constancia mais inabalavel, do que as penhas que lhe serviam de reductos, assegurou aos foragidos sem asylo, aos que ardião no fervor das armas uma liça, aonde assignalassessem o seu valor.

D. Pedro volveu á Europa. Reunindo na sua mão poderosa os elementos dispersos da emigração, rei-soldado, abriu para si nova e mais gloriosa carreira, sobredourando o brazão ducal de Bragança com os rasgos admirados da sua aventureosa empresa.

Aproando ao Porto, os seus navios, em cujos topes pela primeira vez a brisa matutina despregava as côres azul e branca, desembarcaram nas praias do Mindello os sete mil soldados da liberdade, que tantos perigos, padecimentos e estreitezias haviam de experimentar.

As illusões da jornada desvaneceram-se. As promessas dos que os convocavam de longe saíram mentidas; e calcando depois de annos o sólo natal os batalhões portuguezes, em vez dos braços, que a esperança lhes representára abertos para os receberem como irmãos, só encontraram as boccas dos canhões acendidas pelo odio civil e o ferro luzente das bayonetas apontadas ao peito.

Não era um passeio triumphal o que os esperava, era a guerra de muitos contra poucos, rodeada do seu cortejo de miserias e de sangue.

Corramos um véo sobre os episodios d'essa lucta, em que a voz da peleja foi a mesma em ambos os campos; em que os pelouros, despedidos de um para outro arraial, iam talvez consumir o maior dos crimes — o fatricidio.

Apertada em estreito sitio, cercada de baterias, que dia e noite vomitavam sobre ella a morte e a ruina, a cidade do Porto, baluarte inexpugnável não só venceu pela firmeza as legiões que de dia para dia a proclamavam rendida, como superou os tractos ainda mais rigorosos da fome e do bloqueio.

Sentinella mais activa, que a propria vigilancia dos adversarios, o inverno desgrenhava na barra as furias da tormenta. Lá fóra nem uma vela; dentro a peste acenando com as lividas agônias, e unindo o estertor dos moribundos ao ruido sinistro das bombas estourando sobre os edificios, aos gemidos dos feridos, e aos trémulos e envergonhados suspiros da fome.

A esperança, sempre a ultima a desamparar-nos, até a esperança parecia ter esquecido os defensores do Porto.

Mas o vulto do imperador, inabalavel contra a adversidade maior do que todos os infortunios, respondia com a serenidade de uma grande alma aos desastres conjurados para o desanimar.

Caracter fundido em bronze, imagem dos antigos modelos, oppoz a rijeza do animo, e o heroismo do coração aos assaltos da desgraça, e fez do peito dos soldados, dignos como elle da victoria, trincheiras vivas que o inimigo nunca alcançou escalar.

Palidos, e sangrando das feridas abertas, apenas soava o rebate, todos eram leões embravecidos. As forças e o ardor multiplicavam-se em cem pelejas ao mesmo tempo.

A época das provações terminou, porém.

À estação inhospita succederam os primeiros sorrisos da primavera, afagando o dorso ainda crespo das vagas; a barra abriu-se; e precedida pela victoria a expedição do Algarve avistava Lisboa, quasi ao tempo, em que a esquadra da rainha nas aguas de S. Vicenté por um arrojo memoravel, obrigava a armada contraria a arriar as bandeiras.

Depois foi Almoster, depois foi a Asseiceira, depois Evora-Monte, e decorridos mezes apenas, depois foi o descansar de tantas fadigas mal recompensadas ao lado de seus avós para o principe, que a Providencia guiára á terra promettida e resgatada por elle, vedando-lhe tambem o vér pelos seus olhos crescer e elevar-se a obra, que fóra toda sua no plano e alicerces.

Encerrada a lucta, reunidas as primeiras cõrtes, começada a execução das instituições, que a sua espada restituira á patria, D. Pedro encostado ao hombro dos seus veteranos, dos companheiros a sua illiada de proesas e sacrificios, fechou os olhos, deixando o grande nome do ultimo feito da sua vida como epitaphio, e o throno constitucional de sua filha como monumento.

Amortalhado nos estandartes triumphantes reclinou-se para dormir o somno eterno nos braços da victoria; mas a mão victoriosa estendida para o futuro apontava para a risonha auro-ra, que se annunciava proxima a despontar. O sol da liberdade, erguendo-se esplêndido illuminou o tumulto de D. Pedro.

## III

Este foi o periodo infeliz, que Bordalo atravessou na infancia e na puericia, periodo doloroso, em que a adversidade cunhava em cada hora o sello de todas as desgraças. Dividida em dois bandos irreconciliaveis a familia portugueza, obliterada a memoria de si mesma, esquecida a nobresa dos seus actos na historia dos povos, quando todos accordavam para cicatrizar as chagas rasgadas pelas guerras do imperio, ella, adormecida para o bem, e só activa no mal, consumia os brios e o esforço em discordias, que regavam de sangue as ruas, os campos, e os patibulos.

Já vão bem longe de nós esses tempos de tristesa e continuos terremotos; e permitta Deus que nunca voltem.

Para os homens, que travaram a lucta, e braço a braço a sustentaram, cada anno valeu por dez de fadigas, e de velhice antecipada.

Para os que assistiam ao duello como espectadores anciosos, as vozes vagas, que se cruzavam, as confidencias murmuradas ao ouvido, as noticias duvidosas e logo desmentidas, eram no seio do lar domestico o alimento das conversações, a esperança ou o terror de quem cifrava no exito do encontro dos dois partidos — da peleja ferida entre o passado e o porvir — todos os calculos de melhoramento, de tranquillidade e de regeneração.

Finalmente, a nós, ainda na idade tenra, geração nascida da vespóra, sem discernimento para apreciarmos os grandes interesses, que implicava a guerra das idéas, só nos captivavam a imaginação infantil as mostras bellicosas dos corpos, que marchavam, só nos condoiam por entre devaneios pueris o lucto e os prantos das viúvas e dos orphãos, cujo amparo era o official varado de ballas no campo, só nos enlevavam os festejos e as illuminações, em que o enthusiasmo dos vencedores significava a brava alegria do triumpho e dos resentimentos saciados.

A familia de Francisco Maria Bordallo pertencia á opinião liberal perseguida.

Tendo vivido na abundancia começaram a escaciar-lhe os meios, e ás amarguras d'estes cuidados acrescia o peso ainda maior dos repetidos receios, que tremiam todos os que então eram inculcados como suspeitos.

Desde o anno de 1828 os olhos da policia tinham-se fitado na casa, aonde nascera o futuro auctor da *Viagem á roda de Lisboa*, e o dono em continuo sobresalto a cada hora temia vér-se arras-

tado, e quem sabe se entre alaridos e affrontas, ao segredo de um carcere.

Em épocas tão desditosas, quando tudo corre incerto e alvo-raçado, ao pae mais estremoso esmorece o animo para se consagrar ao desempenho das mais importantes obrigações. Não admira, pois, que José Joaquim Bordallo, tendo sempre diante da vista a prisão, que o ameaçava, e podia realisar-se de um momento para outro, e apurado ao mesmo tempo de rendas pela calamidade dos tempos, não podesse applicar á educação do ultimo filho os disvelos assiduos, que a intelligencia, madrugando na creança, exigia d'elle.

Apesar d'isso, e a despeito da irregularidade com que os intentou, os primeiros estudos não foram desaproveitados; suppria a vontade a deficiencia de mestres e a interrupção forçada dos livros. A memoria prompta, a comprehensão facil, e o desejo de saber prevaleceram; e aos doze annos o discipulo achava-se instruido nos rudimentos da instrucção, que patenteava então aos alumnos o accesso para conhecimentos mais elevados.

A restauração constitucional, verificada em 1833, veio auxiliar o adiantamento de Bordallo.

A vocação attraia-o imperiosamente para a vida maritima; e o regimen, que se inaugurava, patenteava-lhe essa apeteçida carreira, dispensados os *quatro avós nobres*, sem os quaes até ahi não era licito obter o gráo de aspirante de marinha.

Quando alcançou vestir a farda, que nas suas illusões equivalia para elle quasi á de almirante, já tinha adquirido certa familiaridade com os elementos de mathematica e com as linguas franceza e inglesa. Valendo-se dos subsidios, que ellas offereciam, já se alongava por leituras de historia, de poesia, e de geographia, leituras soltas e sem methodo, mas substanciaes até pela liberdade com que eram emprehendidas.

Foi no dia 7 de Setembro de 1833, que Bordallo foi admittido na classe dos aspirantes de marinha, e a 17 que o reconheceram na companhia. Contava doze annos, e provavelmente por contemplação devida a tão tenra idade dictaram os superiores a ordem, que o isemptou de acompanhar os camaradas, quando se reuniram ao exercito liberal na saída das linhas de Lisboa em 10 de Outubro.

No mez de Maio de 1834 já o encontramos navegando para as ilhas dos Açores a bordo da escuna *Algarve*, o mais ronçeiro navio de que houve memoria nos nossos mares; sahiu barra fóra a 16, vesitou S. Miguel, a Terceira e o Fayal, e regressou á capital a 10 de Julho com cincoenta e cinco dias de viagem. A se-

gunda vez, que embarcou, foi tambem n'outra escuna, digna rival da escuna *Algarve* pela velocidade, e como ella talvez por esse merito incumbida das funcções de paquete no archipelago dos Açores.

Aqui findaram por então as suas excursões.

Recolhendo-se em Setembro de 1834 passou a frequentar a Academia de Marinha por espaço de tres annos, tempo requerido para completar o curso.

Em um caderno de lembranças fugitivas, todo escripto de sua mão, que temos presente, achamos uma succinta resenha dos seus estudos, e do modo distincto porque os concluiu.

Matriculado a 5 de Outubro, examinou-se em arithmetica a 28 de Janeiro de 1835, e admittido nas aulas, que constituiam o primeiro anno lectivo, proseguiu com louvor e até com applauso em algumas cadeiras, a serie das suas habilitações scientificas até as rematar em 1837.

Entretanto, com a sinceridade ás vezes rude, timbre do seu character, o mancebo queixa-se de que vejetára, mais do que vivera em todo esse tempo.

Para elle a existencia escholastica de tanta saudade sobre tudo na velhice, não lhe deixára recordações iguaes ás que memora de outros lances da sua carreira.

Foi nas aulas, apesar d'isso, que só lhe enraizou no peito a mais pura e exclusiva affeição da vida. Um de seus condiscipulos tornou-se o seu primeiro, o seu mais intimo amigo. Separados pelas distancias, discorrendo mezes e annos, em que a existencia errante de ambos lhes não consentia approximarem-se, as duas almas entendiam-se e fallavam-se de longe, voando uma para a outra.

Ficis ao laço apertado na adolescencia, a mesma vontade os animou sempre, e quando a hora final bateu para o primeiro, a magoa de um irmão mal significaria a dor e o lucto de Bordallo.

Pedi e esperou depois o cadaver do amigo, como o esperára tantas vezes a elle vivo, e pouco antes de se despedir do que ainda amava, tres ou quatro dias antes de cerrar os olhos, a mão já tremula com o sopro da morte as ultimas linhas que traçou foram um convite para a cerimonia funebre da trasladação dos ossos d'aquelle, cujo corpo só então entrára a barra, como se advinhasse que era chegado o tempo de se unirem ambos no mesmo campo de repouso, aonde tantas vezes tinham orado juntos.

Terminados os estudos foi promovido ao posto de guarda marinha effectivo em 27 de Novembro de 1837.

Referindo-se a este primeiro despacho, devido como todos os que obteve, não ao favor, mas ao merecimento, escreveu elle: «foi um dia, bem feliz para mim aquelle, em que, pela primeira vez, puz as dragonas nos hombros! Succede o mesmo a todos; mas é alegria passageira; acaba antes de se haver mareado o primeiro fio de ouro.»

Nomeado logo depois com outros officiaes para ir em commissão a França, afim de reconduzir a Lisboa os restos da nossa esquadra apresionada em 1831 nas agoas do Têjo pelo almirante Roussin, partiu no começo do rigoroso inverno de 1837, e depois de saccudida nos braços da tormenta por mais de vinte dias a fragata *Diana*, em que navegava, na bahia de Biscaia, famosa pelas suas tempestades, e no canal e costa da Mancha, conseguiu lançar ferro na rada de Brest.

Saltando em terra e achando-se em França, na patria das letras, das artes, e do gosto, na viçosa idade de dezaseis annos, Bordallo sentiu pulsar com mais força o coração; depressa diminuiu porém o seu jubilo. Desejára visitâr Pariz, e com esse proposito tinha embarcado; mas os obstaculos levantaram-se-lhe debaixo dos pés, e tão irresistiveis, que houve de ceder, ainda que a seu pezar. Os officiaes poucos e occupados mal podiam com o serviço; e elle, em annos tão verdes, como se atreveria só a enredar-se no perigoso laberyntho da grande cidade? Além disto a bolsa do guarda marinha era bem pobre para se animar fiado n'ella, a emprehender com alguma commodidade viagens dispendiosas.

Da sua ida a Brest a memoria, que mais viva conservou, foi a da aspera invernia tão custosa de supportar n'aquelle clima, sobre tudo por um habitante do meio dia.

A neve branqueava o tecto dos edificios, e congelada nas ruas e no convez dos navios, a cada passo fazia resvalar os caminhan-tes. Noites longas e torvas com leves intervallos lucidos pezavam sobre a cabeça dos que acabavam de deixar as noites serenas de Portugal, tão saudosas, sobre tudo, quando o meigo clarão da lua prateia as aguas e a cópa dos arvoredos. «Parecia, exclama Bordallo, fallando d'este tempo, que Deus lançára o sudario dos finados sobre aquella terra! A natureza estava como se fosse morta.»

Mas para entreter as horas de melancolia não faltavam recreações bem saborosas, mais que tudo para quem entrava como elle na existencia com a feliz ignorancia dos quinze annos. Bailes em que o vórtice das danças servia de prologo e muitas vezes tambem de desenlace ao breve drama de uma paixão infantil; reu-

niões realçadas pela graciosa formosura das damas; concertos, passeios, caçadas, emfim, tudo o que faz deslizar a vida risonha e esquecida... concorreu para entreter os ocios, a imaginação, e o espirito. No meio d'estas distracções entrou o mez de Maio de 1838, e com elle vestiu a natureza as gallas de primavera; acalmaram-se os mares encapellados, e pouco depois appareceu a ordem, que o mandava regressar á patria. Recebeu-a com alegria: e ajudadas pelo vento a fragata *Diana* e a corveta *Urania* approavam no dia 14 á foz do Tejo com sete dias de navegação.

(Continúa).

L. A. REBELLO DA SILVA.

## O REGRESSO À ALDEIA

(Continuação)

### IV

A senhor'Anna não perdeu um unico movimento de Roberto nem de Izabel, quando acabou o jantar e Roberto lhe pediu a benção, foi com uma singular expressão de severidade que ella lhe disse:

— Deus te accuda!

Raymão estendeu a mão a Roberto, e sentiu a d'elle fria e tremula: então com um sorriso de bondade, perguntou-lhe abraçando-o:

— Mas que tens tu, homem?!

Roberto, fitando a vista na de seu irmão, respondeu, fazendo-se pallido:

— Eu!

Porque parecia Roberto entristecer-se no meio das festas? Que melancholia vaga e indefinivel se desenhava no seu pallido sorriso, quando, mergulhando-se em extasi, demorava um olhar annuveado sobre o primeiro objecto, que a sua vista encontrava? Ah! pobre mãe! Só ella sentia o alcance de todos estes indicios, que pareciam esclarecer-lhe o que o coração lhe adivinhava! Roberto não dirigira nunca a palavra a Izabel, senão com um indizivel ar de amargura, e a rapariga, de quando em quando, arriscava até elle um olhar fugitivo, mas dir-se-hia que apaixonado!

Alguns dias se passaram depois da chegada de Roberto, sem successo notavel n'aquella casa. Apenas a senhor'Anna continuava prescrutan-



do tudo, e fazendo experiencias para conseguir tirar uma conclusão que ella cuidava presentir. Uma noute, era na vespera de S. João, a senhor'Anna e Izabel sentadas cada uma de seu lado a uma janella, que dava para o rio, conversavam ácerca dos differentes caracteres dos dois irmãos. Izabel fallando de seu marido, conservava o ar de frieza que lhe era habitual; quando porém, se tratou de Roberto, parecia ver-se o ceu no fogo do seu olhar, sentir-se a felicidade na perfumada doçura da sua voz. A senhor'Anna fixou a vista na de sua nora, e disse-lhe em leve accentuação de ironia:

— Que enthusiasmo quando fallas de Roberto, e que frieza ao fallares de teu marido!

— É porque saudo em Roberto qualidades, que meu marido não possue.

— Não é por isso, Izabel!

— Então...

— É porque o amas!

— Eu! exclamou a rapariga tornando-se palida.

— Tu mesma! replicou a mãe do pescador, severamente.

Depois tomando-lhe uma das mãos, continuou assim:

— Ouve, Izabel. Ha cinco dias que meu filho Roberto voltou a Lessa, e ha cinco dias que conheço em ti uma fatal mudança. Tu tens vinte e tres annos, Izabel, e eu tenho cincoenta e dois. Gostas pela primeira vez de um homem, — sim! porque nunca amaste teu marido! e comtudo é infame... Seu proprio irmão! Oh!...

Izabel deixou pender a cabeça sobre o peito, e pareceu scismar. A noute estava de um effeito vaporoso e somnambulico, que parecia alheio ás paixões terrestres. O mar suspirava ao longe, a brisa sussurrava no rio, cuidava-se ouvir a harmonia das espheras, e julgava-se sentir a dança dos astros; cada grão de areia tinha voz como um poeta, era um sussurro encantador e inexplicavel, como o bater das azas das pombas e das fadas! Oh! a linda noute de junho!

A senhor'Anna, sem despregar a vista de Izabel, foi dizendo-lhe:

— Ambos são meus filhos, e quero tanto a um como a outro; mas quero ainda mais á honra d'esta casa, á tua, á d'elles!... Bem sei que Roberto não é capaz, nem tu tão pouco, bem o sei; não é de nenhum que eu me receio, mas do amor de ambos! Raymão ama-te Izabel, ama-te a seu modo, e bem sabes que aquella alma não é de paixões ardentes, mas suave e boa, honesta e santa, como não é para desprezar na terra; suppõe, defenda-nos Deus! suppõe por um instante, que elle desconfiava d'essa sympathia, que te prende a Roberto! N'aquellas organisações como a d'elle, são muito mais para temer certas crises, e se a vida n'esta casa tem sido até hoje o ceu, não tens tu remorsos de ir fazer um inferno de um paraíso?

Izabel ergueu a fronte e balbuciou:

— Logo, ás fogueiras, hei de ir fallar-lhe: pedir-lhe-hei que me esqueça, que me não perca, que me não tente!

— Ás fogueiras?

— Sim! Depois da ceia. É a primeira vez que me falla; será a ultima em que lh'o conceda ás escondidas. Hoje, irei.

— Não has de ir.

— Não hei de...

— Não.

— Quer então que o engane, que o faça esperar?

— Não esperará de balde, Izabel, socega. Ha de encontrar alguém. Encontrar-me-ha a mim!

— Que?

— É preciso.

— E tem animo?

— De remediar tudo; d'aqui a pouco seria tarde já.

Viram n'este momento Raymão e Roberto, que vinham pela estrada. Izabel teve apenas tempo para dizer com ar supplicante á senhora Anna:

— Ao menos não seja muito severa para com elle, não?

— É para não vir a sel-o, que lhe irei fallar. Nem uma palavra, vê bem!

— Oh! Não sou eu quem mais que ninguem precisa, que nada d'isto se saiba?!

## V

Os pescadores, as mulheres, e os filhos, dançaram toda essa noite na praia em redor das fogueiras. Raymão, a senhor'Anna, Izabel, e Roberto, foram tambem assistir ao queimar das alcachofras. Oh! a poetica noite! a noite saudosa! a noite de um instante!

— Olhae! dizia Roberto aos pescadores. Em as estrellas fugindo do ceu, já as moiras saem das suas covas, seduzidas pelo perfume da erva pinheira queimada, que sobe aos ares com os canticos do amor! Não sabeis, por ventura?

— Não sabemos, não! diziam os pescadores. Conta-nos isso, Roberto, tu, que sabes contar tão bem!

— As mouras, meus amigos, vivem escondidas nas suas covas. Ficaram aqui desde a dominação mourisca, e occultaram-se para melhor guardarem os seus thesouros.

— O que é o thesouro das mouras? perguntavam as raparigas.

— É um mundo de perolas, de esmeraldas, de rubins, e de saphiras.

Os pescadores de coral nunca o avistaram tão rubro, como o dos seus braceletes; nas festas do Oriente, nunca se adornou a favorita com perolas mais palidas, que as dos seus colares! nem as damas da Europa mostraram n'um baile mais esplendidos diamantés, que os dos seus toucados!...

— Ih!!!!!!! sussurravam as raparigas.

— Tal qual como elle *resa!* ponderavam os pescadores.

Roberto continuava:

— As mouras tem cordões de ouro, que é um sonho! brincós e aneis, que é um milagre! Logo pela volta da madrugada, é que ellas saem das suas covas para arejarem o seu thesouro sobre a terra... É quando as estrellas empallidecem e a noute se despede n'um saudoso suspiro de lassidão!... Então, ellas saem e mais ninguem ás vê! ninguem as presente! A natureza não acorda ainda: a lua esconde-se entre duas nuvens brancas, e não se deixa ver mais; o rouxinol calou-se; as namoradas sonham; a onda nem rumoreja: as brisas da noite aquietaram-se... Tudo dorme... Oh!... tudo dorme!... E as mouras estendem os seus thesouros! e olham-os extaticas! ebrias de felicidade! de opulencia! de prestigio! Oiro e joias!... A alegria! A riqueza! A força!...

— Como é bello! exclamaram as raparigas.

— Como é bello! disseram os pescadores.

E Izabel, que o escutava extatica, balbuciou, olhando-o:

— Oh! sim! É bello!...

— E depois? perguntou Raymão:

— Depois, aos primeiros raios do sol, as mouras desaparecem, e os seus thesouros apagam-se! Pobres encantadas, vão de novo sob a terra guardar, á sombra, a sua belleza e as suas joias... Atirem, atirem, donzellas, a alcachofra á fogueira! N'esta noite tudo tem virtude, e o futuro sabe-se por qualquer coisa! Deitem cinco réis na fogueira: deixar queimar-os bem! De madrugada é dal-os a um pobre pedinte, sem mais que estas palayras: «O teu nome irmãozinho?...» O nome do pobre ha de ser o da dama, que lhe dá a esmolinha do São João! E depois é os bochechos! é as sortes no copo d'agua! é nadar de noite! é ir lavar a cara á fonte, para ficar bonito! é amar; esperar! viver!

— Vá uma cantiga, e toca a bailar! gritaram os pescadores.

— Que dança ha de ser? perguntaram as raparigas.

— *A feliz cadeia!* *A feliz cadeia*, que é dança de feição!

— Rompam os pares! Alcachofra ao lume!...

— Alcachofra ao lume!

Os pares formaram uns detraz dos outros, girando em redor da fogueira, dançando no fim de cada volta e mudando de par em segui-

da. Era uma vozeria immensa, cantando n'uma toada popular esta trova :

D'este mar por sobre as aguas  
Levo contente o viver.  
Não conheço aqui as magoas;  
Surri-me aqui o prazer.

Gosto do gemer saudoso  
Da onda, que sobre a praia  
Estende o manto espumoso,  
E sobre o manto desmaia.

E ao som dos gemidos canto  
Canto, e deixo-me embalar  
N'aquelle suave encanto,  
Que delicias fez sonhar.

Quando as redes depois lanço  
«Que me encha as redes bem»  
De pedir a Deus não canço :  
E peixe aos cardumes vem!

Volto com maré de rosas ;  
Entro no meu pobre lar,  
E digo ás filhas formosas —  
Bemdizei comigo o mar.

E sem cuidado — sem magoas,  
Surrindo sempre ao prazer,  
Eu volto ás placidas aguas  
Sobre as quaes quero morrer.

Roberto, aproveitando a occasião, affastou-se lentamente pela praia, e foi mais para perto do mar, esperar Izabel no sitio ajustado. Estava a noite pesada, mas serena; a brisa discreta da madrugada beijava as ondas, e fugia rápida. O ar estava morno e debil, o ceu sem nuvens, ainda que sem transparencia. Todas as forças naturaes pareciam extinguir-se e os espiritos participariam da mesma atonia, se aquella não fosse a noite do ruido, da alegria, e da esperanza, a noite de S. João, noite que até as aves conhecem, porque ella acorda aos seus canticos e sorri aos seus amores! Ouviam-se apenas as vozes dos pescadores e das raparigas; depois, a intervallos, ao longe, uma flauta executando modas do povo, musica não se sabe de onde, que o ar dissipa e espalha.

O orvalho da noite impregnava-se de perfumes; a areia estremecia, ao aproximar da onda; os latidos surdos dos cães da aldeia perdiam-se lentamente no espaço.

A pobre mãe sentiu constranger-se-lhe o peito de intima dôr, ao aproximar-se de Roberto; mas o mancebo, ao avistar um vulto de mulher, não se lembrou sequer, que podesse ser outra senão Izabel e exclamou fervorosamente:

— Oh! obrigado por ter vindo, Izabel. A minha alma precisava tanto revelar-lhe que sentimento lhe inspira!

A senhor'Anna, que ía baixando a frente, ergueu-a para que seu filho a conhecesse.

Roberto balbuciou com voz tremula:

— Que! Não és tu, Izabel? Então é...

— Tua mãe!

A morna aragem percursora das tempestades pareceu n'esse instante suspirar nas ondas.

— Mas porque motivo a encontro eu aqui, tão distante das fogueiras, perdida na noite?

— Eu devia perguntar-t'o a ti, se não soubesse o qué aqui te trouxe.

— Pois sabe...

— Tudo!

Ficaram por algum tempo silenciosos ambos.

— Roberto, disse a senhor'Anna ao fim de algum tempo, esperavas encontrar Izabel, e era tua mãe que te esperava! Não mintas, não tentes mentir-me. Estás-te portando infamemente, porque insistes em amar Izabel, e Izabel é a mulher de teu irmão!

— Devia ser minha noiva; não m'o disse acaso?

— É hoje mulher de teu irmão! repetiu a senhor'Anna austera-mente.

— Mas se sinto, que, ao avistar estes sitios queridos e memoraveis acordou de novo na minha alma esse amor de creança, que o tempo adormecera?

A mãe fitou os olhos nos d'elle, e disse-lhe com uma expressão de bondade e de consolação infinita:

— Não deves, filho, permanecer aqui! Lembra-te da honra de teu irmão. Izabel não te ama... Não. Foi ella quem me disse que lhe pediras uma entrevista para esta noite...

— Disse-lhe...

— Disse. E eu prometti-lhe dissuadir-te d'essa louca temeridade, e soceguei-a jurando-lhe que ha de reinar de novo n'esta casa a tranquillidade, que sempre tornou feliz o nosso lar. Partirás esta madrugada, sim, Roberto? Peço-t'o eu!

— Impossivel!

— Ordena-t'ó tua mãe, Roberto!

— Mas...

— Nada mais. E uma affronta á honra de Izabel teimares n'esse amor. Dirás... direi eu, que os novos habitos da tua existencia te não deixavam viver aqui entre nós: chamar-te-hão soberbo, talvez; queres antes que te chamem infame? Partirás.

— Partirei, minha mãe.

Quando voltaram para entre os grupos que dançavam em redor das fogueiras, encontraram já alguns dos pescadores a desamarrar as catraias.

— Que é isso? disse Roberto a Raymão. Para a pesca já?

— Vão a fugir as estrellas; são mais que horas!...

— Um favor, Raymão! Tenho n'este momento um capricho, e tu vaes conceder-m'ó: quero recordar-me das noites da minha infancia; empresta-me a tua catraia, e segue tu n'alguma da dos companheiros. É uma louca aposta, um desafio que te proponho; arredado do mar ha tantos annos, quero ver se elle me conhece ainda; na madrugada se verá qual de nós recolhe com mais peixe!...

Os pescadores romperam n'um grito de alegria:

— Viva Roberto o pescador!...

Raymão abraçou-o, chorando.

— Alma de marinheiro! Ha de ser sempre boa! Leva a catraia, leva! Guia-a sosinho; tu, a quem Deus guiou!...

— Ao mar! exclamou Roberto.

Depois, abraçando sua mãe, olhou para Izabel, dizendo com a voz tomada pelas lagrimas.

— Parto! Bem vê!...

As fogueiras continuaram ainda. Aos descantes da festa misturavam-se as vozes dos pescadores, cantando sobre o mar. As catraias affastaram-se em direcções contrarias. Quando deixou de se avistar a de Roberto, Izabel abraçou-se á senhor'Anna chorando em silencio.

Uma idéa de susto as opprimia. A escuridão é um espectro sem fórma, que predispõe á piedade; quem tem medo, resa!... Ao ruido insolentemente alegre da festa, fa casar-se por instantes o rumor dos soluços e suspiros. Para aquellas duas almas, da mãe e da amante, cada hora que decorreu até á madrugada teve a immensidade de uma das noites dos polos, em que as estrellas brilham seis mezes no ceu. Pareciam inspirar aos que dançavam, um sentimento de susto vago, de terror supersticioso, e, como elles se arredavam, ellas tinham sempre em redor de si um circulo de solidão...

Cada uma d'ellas dizia á outra, palavras de que o ecco lhe causava medo...

Uma louca aragem lhes trouxe ainda ao ouvido, frouxamente, uma

voz que cantava ao longe, no mar. Ambas estremeceram no primeiro momento, e disseram sorrindo de esperança:

— A voz de Roberto?...

Mas ouviram apenas este nome, como repetido pelas ondas.

— É o ecco! disse a mãe, tremendo. Esse espião, que se esconde nos rochedos!

Ia romper a aurora; as fogueiras extinguíam-se; os pares fatigados da noite pareciam expirar com ella, á medida que se dissipavam no ar os perfumes que ella exhala da sua urna... Avistaram então, as duas mulheres, uma sombra ao longe, no mar! A maré crescia... crescia, e a sombra vinha aproximando-se da praia. Á palida claridade do crepusculo, poderam reconhecer a catraia de Roberto.

— A catraia! Oh!... A catraia!... exclamaram ambas com a alegria no olhar e o paraíso na alma.

Mas, o barco vinha vogando á mercê das ondas sem leme e sem barqueiro. Ellas olhavam-o fixamente n'uma vista desesperada e funebre, como interrogando o mar. Pouco depois, n'uma lancha, que vinha da mesma direcção, appareceram uns poucos de pescadores, conduzindo um cadaver: o cadaver de Roberto, que se atirára ás ondas!

— Roberto? gritaram as duas mulheres como loucas. Roberto?

O grito perdeu-se nas brisas da madrugada.

— Morto! exclamou a mãe. O meu filho! Morto! E... por mim!.. Oh! E sobre aquella cabana em que devia erguer-se um palacio, teremos de erguer um tumulo!...

A voz de Raymão cantava ao longe!

É feliz nossa pobreza!  
 Às vezes traz mal o ouro.  
 Nós temos nosso thesouro  
 No mar e na mão de Deus!

.....

JULIO CESAR MACHADO.

## VERSO A....

Onde se encontra a ventura,  
Esta encantada visão  
Que quanto mais se procura  
Mais foge do coração?!  
Nas pompas da formosura?  
Nos esplendores da gloria?  
No poder de conquistar,  
A mais difficil victoria  
Com o mais tímido olhar?  
Oh! como então és feliz,  
Por que tudo te revella,  
Que não ha face mais bella,  
Nem existencia tecida  
De mais florido matiz!

Porém responde, na vida,  
Quando tu passas radiante  
D'essa luz, que emfim, só Deus  
Concede a um anjo dos ceus!  
Quando ouves a cada instante  
Dizer com voz anhelante:  
«Lá chega, lá passa, é ella,  
Que é tão feliz como é bella!»  
Uma sombra de amargura,  
Um sentimento profundo  
Não te opprime o coração,  
E não te diz que a ventura  
Se não encontra no mundo!?



Uma vez, sereno o ceu,  
 Como teus olhos brilhava !  
 Airosa ante mim passava  
 Essa forma, esse ideal,  
 Que não póde ser mortal !  
 Atravez do fragil veu,  
 Que o semblante te encobria,  
 Uma lagrima descia !  
 Era de prazer ou dór ?  
 Oh ! de angustia parecia  
 Pelo agitado tremor.  
 Com que o peito te batia !  
 O mundo não sei se a via,  
 Por que a meu lado exclamava :  
 «Lá chega, lá passa, é ella,  
 Que é tão feliz como é bella !  
 Mas quem sabe se acertava !!  
 Por que a ventura real,  
 Se existe, é só no momento  
 Em que livre o pensamento  
 Se eleva ao mundo ideal !  
 E noss'alma a outra unida,  
 Foge á terra, se illumina,  
 De um raio de luz divina,  
 E se esquece enfim da vida !

BULHÃO PATO.

## JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL

O imperador, que á semelhança de Napoleão, improvisava exercitos, onde chegava, e decretava quasi a victoria na ordem do dia, organisou logo a defesa, na cidade, que devia ficar para sempre memoravel na historia dos cercos mais illustres. Todos os cidadãos se fizeram militares. Julio Pimentel alistou-se n'um dos batalhões de voluntarios, e pouco depois entrava no quadro d'este pequeno corpo academico, de cujas galhardas gentilezas estão cheios os fastos militares da restauração constitucional.

Não é este o logar e ensejo para narrar miudamente as coisas do Porto, durante o assedio, que lhe pozeram por mais de um anno, as armas de D. Miguel. Pena é que se não registem, em quanto são vivas as testemunhas e fresca ainda a memoria dos successos, os insignes feitos d'aquelle periodo brilhante e memoravel. Mas porque não sou aqui o historiador (cujo cargo tão acima dos meus hombros e tão superior ás minhas forças, quando m'o offereceram, por ser eu improprio d'elle, regeitei) passarei em poucas linhas de escripta os successos d'aquelle tempo, e direi apenas que entre os mais briosos e valentes soldados de D. Pedro devemos numerar o nosso amigo Julio Pimentel. Na Serra do Pilar, n'aquelle assignalado posto de honra, tão cubiçado pelos bravos, n'aquelle celebrada posição, mais defendida pelo valor que pela arte, n'aquelle Dio gloriosissima da liberdade portu-

gueza, sellou o nosso amigo com o seu sangue a causa, que defendia, recebendo uma ferida gravissima, de que ainda ha poucos mezes o vimos padecer, arrumado a suas muletas, illustre invalido de uma crusada gloriosa, que tantos imbecis tem infelizmente deshonrado.

Foram taes e de tantos quilates as virtudes militares, de que deu mostras n'aquella occasião o nosso juvenil soldado, que por eleição do corpo academico lhe decernio o imperador aquella honra tão suspirada e n'aquelle tempo ainda tão rara, de trazer ao peito a *Torre e Espada*. É digno de que n'este logar cópiemos o trecho do diploma, em que se referem os fundamentos d'aquella graça. O decreto é de 23 de novembro de 1832 e diz— em attenção aos feitos singulares praticados por elle (Julio Pimentel) na defesa do posto fortificado da Serra do Pilar no dia 14 de outubro do mesmo anno.

Modestissimo, como é por sua indole e consciencia de seus meritos o nosso amigo Julio Pimentel, só lhe tenho percebido que a sua vaidade se delicia com a fita, comprada na Serra do Pilar com o preço generoso do seu sangue. Era terrivel, de feito, aquelle mercado de condecorações. Felizes os que, depois do diluvio das graças e mercês, podem atar no bolão da farda, aquelle pedacinho de seda azul ferrete, e apontando para elle, dizer com o orgulho da verdadeira independencia: *Eu estive na Serra do Pilar*.

Se não se houvessem apressado, os bravos, e os honrados, como Julio Pimentel, quem sabe se os negreiros, os chatins, os mercadores de popularidade eleitoral, e os lacaios do poder teriam deixado no cofre das mercês, depois da sua insaciavel sede de honrarias, uma nesga de seda sequer, onde talhar o distinctivo dos heroes.

Na serra do Pilar a medalha de honra era mais cara do que o pão. Comprava-se com sangue. Chegámos a tempos, em que a vimos tarifar como costaes de bacalhau.

A Julio Pimentel, simples cavalleiro da *Torre e Espada* peço eu agora que se tenha por mais honrado que muitos commendadores. A um judeu vimos ahi dar uma commenda da ordem; e esta commenda pela unica virtude de ser millionario!

Eram bellos tempos aquelles, em que em vez do egoismo desaforado, que hoje requesta para si todos os favores, se podia invocar com a certesa da resposta a heroica abnegação dos soldados e dos martyres da liberdade. Que chefe, que generaes, que ministros, que officiaes, que soldados, que cidadãos! Chefe, um principe, que era pela singellesa dos seus costumes o ultimo dos soldados, pela grandesa da sua alma o primeiro dos principes

contemporaneos; militar sem ostentação e sem uniformes, militar na espada, só na espada, glorioso buril, com que inscrevia praticamente, como rei, e não discreteava como sophista a liberdade! Generaes, o duque da Terceira, o conde de Saldanha, o visconde da Serra do Pilar! ministros, Agostinho José Freire, o duque de Palmella, Candido José Xavier, Silva Carvalho! Officiaes, Bernardo de Sá, Pacheco Xavier, D. Carlos de Mascarenhas! Soldados, José Estevão, Julio Pimentel, Alexandre Herculano! o primeiro orador, o primeiro chimico, o primeiro historiador da nossa terra!

E hoje? dil-o-ha depois a historia.

Esteve a ponto de soffrer a amputação da perna o nosso amigo Julio Pimentel. Tão grave se havia tornado o ferimento. Mais bem avisados operadores lhe pouparam a mutilação. Ainda mal convalecido e apoiado custosamente sobre moletas, recebeu Julio Pimentel a ordem do dia n.º 130, datada do quartel general imperial de Lisboa de 25 de Setembro de 1833, em que era promovido a alferes para o batalhão de caçadores n.º 3. O imperador passára como officiaes para o exercito a muitos dos academicos, que mais se haviam distinguido por seus brios militares. Julio Pimentel, como quem não seguira as armas por officio, senão por dever e gloria, não sollicitára a sua promoção, nem d'ella o haviam antes advertido. Esteve a ponto de recusar, com o proposito de seguir, depois da lucta, os estudos, que incetára. A final veiu a acceitar a nova posição, que lhe davam no exercito.

Corramos quasi um anno n'este momento e preteridos os acontecimentos politicos e militares, que foram terminar com a batalha de Asseiceira, sigamos a Julio Pimentel até Coimbra, onde vae continuar o seu curso de mathematica em 1834.

Coimbra está de novo restituída aos seus penates litterarios. A douta Minerva, que velára a sua piedosa face durante os longos cinco annos de um reinado, que só conhecia o pensamento pela censura, recobra os seus fóros immemoriaes. Innumerous estudantes alegam festivos as ruas de Coimbra, exhalando ainda de si o cheiro da polvora. A academia é então uma alliança singular e desusada da arrogancia militar, e da modestia da batina. Turbas de juvenis soldados, rebeldes ás severas e monasticas leis da universidade, transformam a gravidade dos geraes na descermoniosa agitação de uma caserna. A cidade anima-se e o tempo reparte-o a mocidade, quasi toda educada nos reductos e nos combates, entre o estudo e os folguedos, que ficaram proverbias na velha cidade do Mondego.

Em 1837 formou-se Julio Pimentel na faculdade de mathematica, depois de haver cursado com distincção os seus estudos e os da faculdade philosophica, na qual se não graduou *por não gastar dinheiro* (diz elle n'uma carta que ha pouco me escreveu) *n'uma coisa, a que dava pouco apreço.*

Voltava de Coimbra para Moncorvo, quando no caminho encontrou a revolução, que se preparava a ensanguentar de novo o solo portuguez. Começava então o movimento militar chamado dos marechaes. O marechal Saldanha e o duque da Terceira haviam proclamado a Carta Constitucional, que a revolução de setembro derribára no anno antecedente. Julio Pimentel teve de entrar n'esta campanha. Assistiu ao sitio de Valença, e depois de concluida pela convenção de Chaves a guerra civil, veiu a Lisboa com a resolução de obter licença do governo para ir estudar em Pariz o curso de pontes e calçadas.

Vejamos agora a que circumstancias deve hoje Portugal a honra de contar a Julio Pimentel como o primeiro dos seus chimicos.

Quando Pimentel chegou a Lisboa pelos fins de 1837, havia poucos mezes que fôra organizada a escola polytechnica. Foi esta a mais brilhante, a mais util, e esperemos que a mais duradoura instituição que nasceu da dictadura de setembro. Á frente do governo estavam dois homens d'estes, que a historia se não envergonha, antes se gloria de citar. Eram Manuel da Silva Passos e o visconde de Sá da Bandeira; ambos exemplares pelo seu amor da patria, ambos nobilissimos pelo seu desinteresse, ambos condecorados com a mais espontanea popularidade, ambos dotados de felicissimo engenho, ambos amigos extremos de tudo quanto póde illustrar e engrandecer o pensamento.

O ensino publico estava decadente, antiquado, incapaz de responder ás exigencias de uma nova idade, de uma nova civilização, de uma sociedade nova.

Era necessario que respeitando a Universidade e os seus fóros consagados pelos seculos, se concedesse a Lisboa, á corte natural das sciencias e das letras, a capital da civilização e do governo, o privilegio até alli iniquamente contestado, de fundar uma escola de sciencia. A dictadura de 1836 creou a escola polytechnica, destinando-a principalmente a preparar por uma solida educação nas sciencias mathematicas, physicas e naturaes, os alumnos que deviam consagrar-se aos serviços technicos e militares do estado.

Funcionava a escola já em 1837 com o pessoal da antiga academia de marinha, pelo que diz respeito ás sciencias mathematicas e com algumas cadeiras de sciencias naturaes, para que

fôra possível encontrar temporariamente professores habilitados. Regia a physica o doutor Guilherme Pegado, um dos que mais fervorosamente se haviam empenhado na fundação e incremento do nascente instituto scientifico.

Fôra o doutor Guilherme Pegado em Coimbra amigo particular de Julio Pimentel e seu lente na faculdade de mathematica. A amisade e a confiança que tinha no talento do joven bacharel determinaram as instancias com que doutor Pegado aconselhava e pedia a Julio Pimentel, que acceitasse o magisterio, na cadeira de chimica, de que não havia ainda professor.

Os estudos das sciencias physicas e naturaes estavam quasi inteiramente perdidos em Portugal. Na Universidade mui pouco se ensinava. Podia dizer-se sem exageração, que da chimica apenas se sabiam e professavam as noções elementares. Julio Pimentel, apesar de saído havia pouco da faculdade de philosophia, quasi ignorava a chimica, esquecido já do pouco que em Coimbra lhe haviam ensinado. A modestia natural de Julio Pimentel encarecia-lhe as difficuldades do magisterio em disciplina tão ardua de aprender e practicar. Cedeu finalmente ás sollicitações do doutor Pegado e do visconde de Sá da Bandeira, que muito se empenhava em ver preenchidos todos os logares na sua predilecta instituição. Estavam então vagas a propriedade e a substituição da cadeira de chimica. Julio Pimentel julgou contentar-se com requerer officialmente o simples logar de substituto. O ministro da guerra, sob cuja dependencia estava a escola desde a sua criação, proveu a Pimentel na propriedade da cadeira, com a obrigação de sujeitar-se a concurso publico, depois de um anno de exercicio professoral.

Começou para Julio Pimentel uma vida de graves e profundissimos estudos. Para ensinar aos seus discipulos, que eram então numerosos, precisava de aprender comsigo mesmo; sem ter mestre para si, sem conselhos de ninguem, a quem podesse consultar.

Quando chegou a época de concurso vieram mais dois concorrentes á cadeira, os quaes antes das provas se retiraram, sem se arriscar á sorte do combate. Depois de concluidos seus exames, aos quaes eu assisti, sendo ainda estudante do lyceu, foi Julio Pimentel confirmado na propriedade da cadeira e desde então data verdadeiramente a serie de esforços e de trabalhos, com que o nosso amigo conseguiu avantajarse a todos os chemicos portuguezes e ligar a chimica, pelo magisterio e pela applicação industrial, á illustração e prosperidade do paiz.

Tive a honra de ser seu discipulo no terceiro anno, em que

Julio Pimentel publicamente professou e desde os bancos da aula, onde sempre lhe devi singular predilecção, me habituei a estimal-o sinceramente e a havel o por amigo.

Assegurada com a promoção ao magisterio a carreira publica de Julio Pimentel, faltava-lhe prover tambem á domestica felicidade, tão necessaria para adoçar com os sorrisos e os encantos feminis os largos estudos e as aridas locubrações do sabio. Julio Pimentel desposou em 18 de julho de 1839 a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Roure Auffdiener, dama em quem a natureza compendiou todas as perfeições do espirito e da formosura; senhora de delicada sensibilidade, de agudissimo engenho, de esmerada cultura intellectual, de tracto elegantissimo e verdadeiramente aristocratico; naturalmente destinada a enfeitiçar as horas de um homem de sciencia pela amenidade e doçura da sua indole, pelo agrado da sua conversação e pela quasi paixão, com que sempre tem cultivado as lettras, de cujo amor tem publicado alguns mimosos documentos, e muitos outros recata de toda a luz a modestia, verdadeiramente exemplar d'esta senhora.

Ao entrar para a escola polytechnica em dezembro de 1837, alcançara Julio Pimentel do governo a promessa de o deixarem ir a Pariz estudar practicamente a chimica, e as suas uteis applicações, que nos livros se não podem aprender nem profundar. Concederam a licença pedida para quando houvesse substituto na cadeira. Em 1844, sendo provido na substituição o nosso amigo Fradesso da Silveira, poude Julio Pimentel satisfazer o seu desejo de ir a França.

Em setembro de 1844 partia Julio Pimentel para deixar pela primeira vez a patria. Levava consigo sua esposa e uma filhinha, que então pouco mais contava de tres annos. Não era o governo por aquelles tempos ainda tão generoso e munificente em subsidios e gratificações, como veiu a ser depois. Arbitrou-se a Julio Pimentel a quantia mensal de seiscentos francos, que sommavam pouco mais de cem mil réis, entrando n'esta conta o soldo de official e o ordenado do magisterio. Era quasi impossivel viver em Pariz com tão escassos recursos. Julio Pimentel acceitou sem queixume o que lhe davam. Partiu para França. Durante as suas viagens e estudos, dispendeu o dobro, do que lhe haviam arbitrado.

Em Paris cuidou primeiro que tudo em se apresentar como estudante, que tinha o intento sincero de aprender. Levára de Lisboa recommendações para o nosso residente diplomatico em Paris, as quaes de nada lhe poderam aproveitar. O ministro naturalmente preocupado com os gravissimos negocios de sua mis-

são junto de Luiz Philippe, duvidando por ventura de que existisse uma sciencia chamada chimica e de que o seu ensino fôsse proveitoso a Portugal, pouca attenção prestou ao joven professor Julio Pimentel, que com a primeira qualidade do talento, o orgulho da independencia, resolveu tambem da sua parte cursar os laboratorios, sem que lh'os abrisse e patenteasse a mão da diplomacia.

Começou Julio Pimentel a visitar os laboratorios chimicos de Paris em busca d'aquelle, onde o admittiriam a trabalhar sem pagar os cem francos mensaes, que são de estylo n'aquelles estabelecimentos, e que profundamente desfalcariam os seus recursos pecuniarios.

O distincto chimico Péligot, que professava então no conservatorio das Artes e officios, recebeu o seu collega portuguez com extrema benevolencia e o admittiu a praticar no seu laboratorio gratuitamente. É necessario advertir que este adverbio tão ameno na apparencia se traduziu para Julio Pimentel nas mais importunas operações, nos encargos mais tediosos, a que se sujeitam os adeptos da moderna sciencia de Hermes.

Era então preparador de Péligot, no curso que fazia, o chimico Favre, que é hoje professor da nova faculdade de Marselha. Julio Pimentel caiu de molde para contentar o egoismo do preparador, que com toda a amabilidade e cortezia lhe impunha cruelmente as tarefas mais onerosas do laboratorio.

Andava o Favre empenhado n'um trabalho sobre as *calorias*, em que tinha por companheiro a Silbermann e para vagar inteiramente á sua empresa, incumbiu a Pimentel todas as preparações, que eram necessarias ás lições de Péligot. Aceitára a victima resignada o sacrificio das obrigações alheias e ia gastando nos trabalhos, por assim dizer do expediente scientifico, a attenção, o tempo e os cuidados, e continuaria a deixar folgado a Favre, se Péligot, não houvera um dia advertido a Julio Pimentel de que não devia condescender com a exigencia do preparador. Mostrou-lhe igualmente quanto mais aproveitaria em o auxiliar a elle nos trabalhos de investigação e analyse.

O inverno de 1844, foi todo n'este duro e continuado tirocinio. Ia regularmente Pimentel para o laboratorio ás 9 horas da manhã, o que era quasi litteralmente começar de madrugada o seu lavor. Caminhava por cima de toda a neve e de toda a vasa, com que a natureza e os homens se aprasiam de alcatifar a torpe e escura rua de S. Martinho. Ás 7 da noite recolhia o prudente e laborioso alumno á sua residencia na proximidade da ponte de S. Miguel. As horas que podia furtar aos trabalhos praticos do



laboratorio eram aproveitadas avaramente em seguir os cursos de Dumas, Becquerel, Chevreul, Orfila, Payen e Gay-Lussac, e muitas outras das principaes celebridades, que mantinham no magisterio das sciencias naturaes a antiga reputação da cidade de Paris.

Deixarei de narrar miudamente os trabalhos variados, com que desde o seu aprendizado começou a illustrar-se na sciencia o nosso amigo, porque sairia dos estreitos limites d'este escripto.

Em abril de 1845 saíu de Paris Julio Pimentel. Desejava então fugir por algum tempo a atmospherá da capital, respirar o ar livre dos campos, e visitar de caminho alguns notaveis estabelecimentos industriaes, que tinham relação com os seus estudos predilectos. Dirigiu-se com sua esposa á Bretanha, onde ella tinha uma parenta, mad. d'Auzout Gyon. Por algum tempo residiu Julio Pimentel em Laval e em Nantes, e visitou as fabricas de Cartier, as de refinar assucar e a celebrada officina nacional de Indret.

Restituído a Paris, foi convidado por Pélígot, que tivera já tempo de lhe avaliar os méritos, para o acompanhar a Vienna d'Austria, a cuja exposição industrial fôra encarregado de assistir pelo governo francez. Era a viagem dispendiosa. Recusou-a Julio Pimentel, lamentando que o forçasse a economia a desaproveitar este ensejo de visitar a Austria e de buscar n'aquella grande exposição novos subsidios para os seus estudos práticos.

Quando Pélígot voltou da exposição, era tal o conceito em que tinha Pimentel como já peritissimo operador, que lhe commetteu todas as analyses dos vidros allemães, que lhe eram necessarias para illustrar o seu relatorio.

Chegou por estes tempos a Paris o sr. José Maria Eugenio de Almeida, o qual reconhecendo quanto seria proveitoso ao melhor fabrico das saboarias, de que então era contractador, o conselho e superintendencia de Julio Pimentel, já tão experimentado e illustre nas artes chemicas, o instou para que acceitasse a inspecção da fabrica do contracto, que depois veio a exercer em Portugal, e da qual data notavel aperfeiçoamento em seus productos. O sr. José Maria Eugenio, que desejava sempre animar o espirito fabril na nossa terra, pediu a Julio Pimentel lhe indicasse alguma industria, de cuja introduccão se podessem esperar duradouros e vantajosos resultados. Lembrou-lhe Pimentel a refinação methodica do assucar. Conviéram na idéa. E esta foi a origem da fabrica, que depois se estabeleceu em Santo Amaro, proximo da Junqueira.

Em julho de 1845, foi Julio Pimentel á Belgica e ali se demo-

rou por algum tempo para visitar as escolas e os estabelecimentos industriaes. Passou depois á Prussia. O sabio não esqueceu nas suas digressões o espirito do *tourista*. A viagem do Rheno amenisou a romaria scientifica. Em Giessen conheceu Pimentel e tractou pessoalmente ao celeberrimo Justus Von Liebig, para quem levára affectuosas recommendações do chimico Pelouse.

Adivinha-se facilmente o ardentissimo desejo, que sentiria o nosso peregrino de se deter por alguns mezes na pequena cidade allemã, para aperfeiçoar-se na chimica organica. Liebig era o oraculo d'esta provincia da sciencia. Operar no seu laboratorio, sob a direcção d'aquelle sabio, fôra remate digno de tantos trabalhos e fadigas. Urgia, porém, partir, porque o chamavam a Lisboa instantissimos deveres.

Passou depois á Suissa para deleitar os olhos e contentar o animo de artista n'aquellas sublimes e formosas paisagens. De Genebra desceu a Lyão e d'alí a Marselha, com o fim de estudar o fabrico do sabão. De Marselha emprehendeu pequenas excursões pela França meridional, e visitou Arles, Nimes, Toulon, Montpellier.

Em outubro estava de volta em Paris. Pouco depois saudava as nevoentas magnificencias de Londres, esta moderna Babylo-  
nia do oceano. Já no coração do inverno volveu a Paris. Tornou ao seu predilecto laboratorio, o de Péligot, onde estava já então como preparador o distincto chimico Julio Buis, com quem enlaçou cordial amizade e estreito commercio scientifico.

O inverno foi repartido por Julio Pimentel entre a sombria Paris, que cultiva a sciencia, e a Paris esplendida e radiante, que serve de theatro a esta enganosa, mas seductora phantasmagoria chamado por excellencia *le monde*. O nosso chimico, representante da sciencia juvenil e revolucionaria dos nossos dias, habituado á vida elegante de Lisboa, mal podia concentrar-se totalmente no *quartier latin* sem trazer experimentalmente da grande capital as impressões da arte e da elegancia dos modernos athenienses.

Na primavera estava de volta á patria, rememorando as scenas da grandiosa civilisação extranha, como succede aos que visitaram a Europa civilisada, sonhando idyllios cor de rosa para o torrão natal.

Moncorvo foi a primeira terra de Portugal, que lhe veiu ao pensamento. Foi ali visitar seu pae. Quando voltava pelo Douro abaixo encontrou no caminho a revolução, que no baptismo popular das nossas numerosas agitações civis, recebeu o nome mythologico da *Maria da Fonte*. Se fosse alguns annos antes, o chi-

mico deslembra por um momento as cogitações da alta sciencia para se associar a esta grandiosa manipulação, que depois de sanguinosas reacções deu como precipitado unico o atraso da nossa civilisação. D'esta vez a alma do antigo academico temperava as suas generosas exaltações com este dóce egoismo da familia, e apesar de que a revolução não era antipathica ás suas idéas de liberdade e de progresso politico, teve o animo de resistir á tentação e de vir esperar em Lisboa o triste desenlace d'aquelle drama. O espirito superior de Julio Pimentel comprehendia já então que não era no furor das discordias civis que devia buscar-se o lenitivo ás enfermidades nacionaes. Na geral excitação dos animos, na lucta fratricida, que ainda mais uma vez empapou de sangue os campos de Portugal, tomou uma discreta resolução. Encerrou-se no laboratorio chimico da Casa da Moeda que então servia á Escola Polytechnica, depois de incendiado o seu edificio, e começou a trabalhar fervorosamente *para não esquecer*, diz elle, o que havia apprendido lá fóra, e para esquecer, se era possivel, o que estava presenceando no paiz.

Em 1848 a terrivel commoção revolucionaria de fevereiro, fez estremecer, como se fosse um grande terremoto, os paizes mais distantes da Europa. Julio Pimentel, que ainda não podera de todo soffrear esta nativa inclinação para os grandes movimentos liberaes, desejou observar de perto este phenomeno grandioso da chimica social; a decomposição de uma que parecia robusta monarchia, esta eremacousea politica, em que os elementos, que pareciam fixos em suas combinações, tumultuavam por formar novos compostos. Já a ephémera républica exauria em declamações pomposas o seu imaginoso vocabulario e desenrolava nas suas solemnidades da praça publica todo o seu apparelho theatral. A republica é em França o estrada passageiro, sobre o qual a nação impaciente e ávida de futuro caminha de um throno carcomido para um throno improvisado, do tumulo de uma dynastia para o berço de um conquistador.

O spectaculo de uma republica franceza vale bem as mais sumptuosas magnificencias de uma exposição universal. Julio Pimentel aproveitou as ferias grandes de 1848 para ouvir de perto os rugidos do tygre popular. Apenas chegado a Southampton recebeu a nova dos temerosos successos de julho. Cavaignac havia subjugado a nova revolução. Estavam ainda de pé as barricadas. Eram tempestuosos os debates da assembléa nacional. O velho e espirituoso Dupin, o revolucionario das revoluções e o aulico dos principes, presidia então a assembléa. Julio Pimentel assistiu por muitas vezes ás violentas discussões, em que a tri-

buna era assaltada pelos oradores, e admirou o vulto venerando de Lamartine, dominando a tempestade parlamentar com a sua eloquencia magestosa e com a popularidade do seu nome.

Pouco tempo se demorou d'esta vez Julio Pimentel em Paris. Voltou para Londres e pouco depois achava-se de novo em Lisboa.

No anno seguinte de 1849 os padecimentos, que lhe ficaram sempre desde o ferimento recebido nas linhas do Porto, obrigaram-n'o a ir ás Caldas da Rainha. Aproveitou o illustre chimico a oportunidade para colligir todos os apontamentos necessarios para a memoria que escreveu ácerca d'aquellas aguas sulfuradas. Já a Academia Real das Sciencias havia publicado a analyse que das aguas das Caldas havia feito o dr. Withering. Desde então havia ficado em esquecimento o estudo chimico d'aquella nascente, tão celebrada pelos seus effeitos therapeuticos. A memoria de Julio Pimentel, apresentada por elle á Academia, valeu-lhe a sua admissoão n'esta sociedade, com o titulo de socio correspondente.

Reconhecida e preconizada com grandes e merecidos louvores a capacidade de Julio Pimentel e a sua pericia e illustração nas artes chemicas, começaram a importunal-o com estas mil incumbencias e commissões, pela maior parte gratuitas, em que governo e particulares empenham os homens eminentes. A primeira commissão, que lhe impozeram foi a de estudar a reforma do systema monetario portuguez, que desde muitos annos estava envergonhando os governos e o paiz e causando gravissimos transtornos na ordem economica. D'esta commissão não se colheram por então os fructos; mas o estudo, que Julio Pimentel fizera n'aquelle assumpto serviu-lhe depois para redigir o projecto de lei, que alguns annos depois o ministro Fontes fez votar no parlamento.

Por 1849, começava a manifestar-se na opinião um grande entusiasmo pelos progressos publicos, e pela diffusão do ensino. O *Gremio Litterario* abriu as suas salas a um numeroso concurso de espectadores que iam assistir ás prelecções, professadas n'aquella então litteraria sociedade sobre differentes assumptos de sciencia. Julio Pimentel com geral applauso e assidua concorrencia de seus ouvintes, explicou em cinco ou seis lições um objecto inteiramente novo no ensino publico, as relações da chimica e da agricultura.

O velho duque de Palmella, que tinha viva fé nas maravilhas que se contavam, e não sei se elle proprio experimentára, das aguas mineraes de S. João do Deserto, em Aljustrel, instou com Julio Pimentel para que as estudasse e analysasse. Deferiu o chi-

mico as sollicitações do duque e d'esse estudo proveiu a memoria, que foi publicada pela Sociedade Pharmaceutica Luzitana, de que Julio Pimentel pelos seus eminentes serviços á sciencia havia já recebido o diploma de membro honorario.

As aguas mineraes de Moura foram tambem por esse tempo objecto de uma nova memoria, que safu impressa nas actas da Academia Real das Sciencias, antes da sua ultima reformação.

No verão de 1850, indo Julio Pimentel a Moncorvo, visitar a seu pae, emprehendeu uma excursão em parte como *tourista*, e em parte como sabio, á serra do Gerez, tão digna de prender a attenção do naturalista viajante, pelas suas curiosidades naturaes. Eram as aguas do Gerez mui conhecidas pela sua reputação, mas totalmente ignoradas nas suas propriedades chimicas. Analysou-as o nosso illustre amigo, e n'uma memoria valiosa revelou a sua natureza e as relações da sua composição com a da rocha feldspathica, por detraz da qual brota a nascente.

Acompanhava a Julio Pimentel na sua peregrinação ás montanhas do Gerez, sua esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Roure. Eram aquellas serranias talhadas de molde para encantar a imaginação d'esta senhora, e para lhe accender a inspiração. Em quanto Julio Pimentel trazia do Gerez decifrada a constituição chimica das aguas mineraes, sua esposa trazia um mimoso romancinho, idéado sobre uma crença popular dos agrestes habitantes da montanha. Era uma flór colhida na madrugada entre a singular vegetação dos sérros, flór fresca do orvalho de uma graciosa e amena phantasia, rescendendo o aroma da sensibilidade, que só exalam de si os escriptos da mulher. Chamava-se o romance *A flór milagrosa*. Na *Semana*, jornal litterario, de que fui um dos mais frequentes collaboradores, safu á luz a elegante composição, e tive eu a honra de preceder de um prologo meu o romance, que revelava ao publico um dos mais felizes talentos feminis.

(Continúa)

J. M. LATINO COELHO.





um charuto, no jardim das Necessidades. Era tão gracioso e tão franco que resolveu logo aquelle o Minuto de Deus, tracava-o no copel! No fim de quatro horas, tinha-o gravado!

Quatro horas! Estas quatro horas d'um pitacoio, d'um pitacoio, de que é rei, d'um rei que teve já sobre si, e tem ainda, as curdas de um povo que o adoplou, e que elle com entranhado amor tem perhibido — estas quatro horas, dizem, com parte em coisa tão breve na vida, tem tido uma grande e alta

## A GRAVURA DE S. M. EL-REI O SR. D. FERNANDO

Todos nós, todo este país, está cego de ver tantas coisas feitas de baixo dos pompas rotas officios. Regala e contorna os olhos, não os destes productos das artes, que na opporção de a esta terra, que por tantos annos tem sido a terra da

parem dizer, que sabe elle como com o exemplo de de animar o estimular e glorificar o que verdadeiramente honra, engrandecer e nobilita as nações que se distinguem com os títulos de intelligencia em todas as espheras em que esta mais phibido mente se patenteia.

Todos nós, todo este país, está cego de ver tantas coisas feitas de baixo dos pompas rotas officios. Regala e contorna os olhos, não os destes productos das artes, que na opporção de a esta terra, que por tantos annos tem sido a terra da

Havia muito tempo que o real artista não enriquecia as paginas da nossa *Revista*, com uma gravura. E deveras para sentir era a falta da sua collaboração. Era-o, porque tal collaboração, reune ao subido merecimento artistico das obras o patrocínio de um nome que vale duas corôas, e ambas tão legitimas como estimadas. Sustenta uma e outra com igual esplendor: a uma consagra o trabalho; á outra a nobreza das acções.

S. M. El-rei o Sr. D. Fernando, viu que faltava só este numero para concluir o segundo volume da *Revista*, que, apenas uma estampa sua, illustrava. Viu mais, viu que essa honrosa d'vida tinha sido feita logo no principio do livro. Receiu portanto alguma suspeita prejudicial ao jornal, e quiz desvanecê-la completamente, provando que continuava a merecer-lhe a sua régia protecção. E para o provar, sentou-se espontanea e generosamente á mesa do trabalho, para nos surprehender com a offerta d'uma bella gravura. A gravura é digna do artista; volte o leitor a pagina e julgará; a acção retrata a alma do monarcha, e grava na nossa, o mais profundo reconhecimento.

D'esta vez não foi a um improvisado, a um devaneio, a uma phantasia, a um sonho caprichoso da imaginação, que obedeceu o lapis ousado e seguro, do real artista. O quadro que apresenta a *Revista*, é uma cópia do natural. Aquelle mesmo grupo de animaes encontrou-o, por acaso, S. M., passeando, a fumar



um charuto, no jardim das Necessidades. Era tão gracioso e artistico que resolveu logo aproveitá-lo. Minutos depois, traçava-o no cobre! No fim de quatro horas, tinha-o gravado!

Quatro horas! Estas quatro horas d'um príncipe, d'um príncipe que é rei, d'um rei que teve já sobre si, e tem ainda, os cuidados de um povo que o adoptou, e que elle com entranhado amor traz perfilhado — estas quatro horas, dizemos, com parecerem coisa tão breve na vida, tem todavia uma grande e alta significação.

Querem dizer que, esse príncipe, esse rei, nem só no throno, nem só nas regiões officiaes, se disvella, pelo que póde interessar a esta terra, que por mutuos affectos tão sua se tem feito! querem dizer, que sabe elle como com o exemplo ha de animar, e estimular, e glorificar o que verdadeiramente honra, engrandece e nobilita as nações que se condecoram com os titulos da intelligencia em todas as espheras em que esta mais brilhantemente se patenteia.

Todos nós, todo este paiz está cançado de vêr tantas coisas futeis debaixo dos pomposos rotulos officiaes. Regala e conforta os olhos, põl-os n'estes productos das artes, que, na apparencia menos importantes, são todavia mais substanciaes, quando se considera que por taes primores se eleva o espirito e se ganha uma jerarchia entre os povos cultos.

Olhae para esses dois pequenos animaes, caseiros, domesticos, triviaes para vós e para todos, pois na verdade d'esta reprodução artistica, na correccão d'este desenho real, ha mais e maior serviço ás coisas d'este paiz, do que em muitas portarias que mal se intendem, e em muitas leis que se não cumprem. Ha, por que fecundo é o exemplo que vem de tão alto, e fecundissimos os seus resultados na vida intellectual de que as artes são uma das multiplices expressões.

ERNESTO BIESTER.

## PALESTRAS SCIENTIFICAS

### VII

É hoje questão completamente resolvida pela sciencia que os dois gazes, que formam o ar atmospherico, estão simplesmente misturados, nas proporções aproximadas de 4 de azote para 1 de oxigenio, em volume, e de nenhum modo combinados; isto é, que entre elles se não dá associação chymica da natureza d'aquellas em que, pelo exercicio da afinidade, os corpos se ligam intimamente, modificando as suas propriedades essenciaes, e fazendo, para assim dizer, o sacrificio d'ellas em favor do composto que resulta da sua união. No ar, n'esta mistura de azote e de oxigenio, cada um dos dois corpos conserva intactas as suas naturaes tendencias, e actua sobre os outros como se estivera completamente livre.

Sendo o oxigenio um corpo activo e de affinidades energicas, e o azote, pelo contrario, um corpo dotado de grande indifferentismo chymico, segue-se que o ar actua em geral sobre os outros corpos pelo seu oxigenio. Na realidade, em quasi todos os phenomenos chymicos, em que o ar intervem, é o oxigenio que funciona pelas suas affinidades. Os combustiveis ardem combinando-se com elle; os animaes respiram por sua intervenção, e a respiração é um verdadeiro phenomeno de combustão em que os elementos do sangue se queimam; as materias organicas privadas de vida são destruidas pela influencia do oxigenio, que determina a putrefacção, perturbando a ordem em que os elementos se achavam combinados; os metaes, que não podem

resistir á affinidade d'este elemento, unindo-se com elle intimamente, oxidam-se, ou convertem-se em corpos de apparencia terrosa que se chamam oxidos metallicos.

A manifestação d'esta tendencia, que o oxigenio tem para se combinar com os outros elementos, é acompanhada de notavel aparato, que muitas vezes se manifesta pelo desenvolvimento de luz e calorico, e sempre por correntes electricas. Exemplo notavel d'este facto é o phenomeno da combustão ordinaria, que não é mais do que a combinação rapida e violenta dos combustiveis com o oxigenio. Se é o carvão que se queima, forma-se o acido carbonico, composto de oxigenio e carvão ou carbonio. Se é a lenha, a cera, um oleo, ou outra qualquer das materias empregadas na illuminação ordinaria ou nos focos de combustão, como em todas essas materias existe o carbonio e o hydrogenio, formam-se, no acto e pelo acto da combustão, o acido carbonico e a agua que é um oxido de hydrogenio.

Esta manifestação de luz, calorico e correntes electricas não é aparato privativo das combinações do oxigenio; mais ou menos claramente se apresenta nas de todos os outros corpos entre si; isto é, sempre que se exerce a força que os chymicos apelidaram *affinidade*.

É notavel a intenção com que Boerhaave introduziu na linguagem chymica esta palavra *affinidade*, dando-lhe um sentido diverso d'aquelle com que na linguagem vulgar se applica em relação ás coisas. Diz-se ordinariamente que duas coisas teem entre si affinidade quando por algum lado se assemelham: porém na linguagem da chymica, quando se diz que dois corpos teem entre si affinidade, é o mesmo que dizer que elles teem muita tendencia para se unirem, para se combinarém, ou formaram um composto, o que é sempre acompanhado de grande desimilhança nas suas propriedades essenciaes. Em relação ás pessoas, na linguagem usual, dizemos que ha affinidade ou parentesco por affinidade, quando este provém de alliança ou casamento, o que não envolve idéa alguma de similhaça ou de conformidade, e antes pelo contrario uma certa disparidade ou diversidade de indole estreita as uniões, o que auctorisa o velho proverbio portuguez:

*Duro com duro  
não faz bom muro.*

Boerhaave compara a combinação chymica de dois corpos a um verdadeiro consorcio, em que elles ficam unidos pela affinidade, *magis ex amore quam odio*, e para tornar mais perfeita a imagem compara aos festejos de um consorcio todo aquelle aparato que se manifesta nas combinações chymicas, a luz, o calorico, o movimento e a agitação. O azote, que acompanha o oxigenio na atmosphera, parece-nos por

via de regra testemunha indifferente e impassivel dos multiplicados e repetidos enlaces amorosos do seu companheiro, d'esse a que podemos chamar o Jupiter dos elementos; mas as suas funcções na harmonia da natureza não devem por certo ser nullas, nem mesmo insignificantes, visto que o Creador lhe assignou tão consideravel parte na constituição do ar, e todas as coisas teem no edificio do mundo o seu destino providencial. Na realidade o azote não só é elemento indispensavel na organização vegetal e animal, mas a sua presença no ar em tão enorme quantidade serve evidentemente para moderar a acção energica do oxigenio, diluindo-o na sua massa e offerecendo-o só, e a cada momento, na dose sufficiente ao exercicio das funcções respiratorias e á execução dos outros phenomenos chymicos em que elle figura, e que são indispensaveis á conservação da harmonia do mundo physico. Funciona por conseguinte este corpo, em relação ao oxigenio, do mesmo modo que, em relação aos medicamentos energicos, funcionam os excipientes em que estes se diluem.

Se a constituição da atmosphaera é tão apropriada á vida actual, se o modo de ser dos entes organizados é inteiramente dependente dos meios em que elles vivem, convém investigar, no interesse da sua conservação, se esta constituição póde ser, ou não, alterada no decurso dos tempos e em virtude das leis a que está sujeita.

É esta uma questão curiosa e importante que deve captivar a attenção dos sabios e de todos quantos se interessam não só pelo estado presente da physica do globo, mas tambem pelo seu futuro. E na realidade já por vezes tem sido debatida e estudada, pois não era de esperar que os homens de sciencia, que são os mais zelosos defensores das obras do Creador, se deixassem perverter pelo egoismo dominante da nossa época, a ponto de dizerem como os modernos Antisthenes — *après moi le déluge*.

A sorte dos futuros habitantes do globo é pois um dos objectos de sollicitude para os phylosophos e em cuja investigação mais se eleva e enobrece o espirito humano.

Os maiores genios e os mais talentosos trabalhadores da chymica, desde Lavoisier até aos nossos dias, teem poderosamente concorrido para esclarecer um problema, que por tantos motivos nos interessa, mas cuja resolução definitiva, dependendo da analyse, não cabe em tão curto periodo como aquelle que tem decorrido desde que se executaram as primeiras experiencias rigorosas até á presente época.

Por muito perfeitos que sejam os methodos analyticos que a sciencia actualmente possui, não deixam ainda de estar sujeitos a causas previstas e imprevisas de erros, que podem roubar-nos parte da verdade, tirando ás conclusões o rigor absoluto de que carecem para contentar o nosso espirito.

À vista das analyses do ar, feitas pelos chymicos de mais auctoridade, desde o principio d'este seculo, em logares, alturas, épocas e circumstancias diversas e por methodos vareados, parece que a constituição da atmosphaera não tem soffrido vareação sensível em quanto á relação de peso e volume em que n'elle se acham os seus principaes constituintes, oxigenio e azote.

O que a analyse chymica mostrou não é senão a confirmação do que nos estava dizendo o raciocinio, fundado sobre factos de outra ordem, mas que não resolve completamente a questão de um modo absoluto. Na realidade é, já desde longo tempo, bem conhecida a influencia que sobre os seres organisados exercem os meios em que elles vivem. A profunda e completa alteração d'esses meios, ou torna a vida impossivel, ou pelo menos modifica a organização, apropriando-a ás novas condições em que tem de existir.

Se desde os primeiros tempos historicos até hoje o ar tivesse soffrido modificação essencial e apreciavel na sua composição, os vegetaes, os animaes, e os homens, que n'elle e por elle vivem, teriam tambem soffrido mudanças na sua constituição organica que nos denunciassessem de algum modo essa modificação; mas nem a historia escrita, nem a tradição, nem os monumentos, nem os restos da organização que sobreviveram a essas épocas, arvores ainda vivas, sementes conservadas nos hypogeos, esqueletos de homens e animaes encontrados nas cavernas, e as mumias do velho Egypto nos mostram diferenças de organização que se possam attribuir a outras condições atmosphericas. Era logo muito de suppor que a analyse chimica, sempre menos sensível do que o organismo, não podesse descobrir no curto periodo de meio seculo diferenças que aquella tinha sido impotente para nos revelar n'um periodo superior a 6:000 annos. De um lado a analyse chymica prova que em 50 annos a composição do ar atmospherico não soffreu alteração notavel; por outro lado a conservação dos typos organicos demonstra-nos a *posteriori* a permanencia das condições atmosphericas actuaes desde a mais remota antiguidade historica. Porém o curto espaço a que se referem estas provas abrange apenas uma época limitada na existencia do nosso globo. A geologia, que se encarregou de fazer a historia da terra, foi desenterrar dos archivos inexgotaveis da velha Cybele documentos positivos e irrecusaveis que nos provam a existencia de organizações incompativeis com o estado actual das coisas. A poderosa vegetação que deu logar ás formações carboniferas, os monstros, cujos esqueletos fosseis jazem sepultados nas ruinas das primeiras épocas e sobre os quaes tem passado talvez milhares de seculos, attestam não só a profunda modificação nas condições climatericas mas até proporções diversas nos componentes do ar atmospherico.

Se o oxigenio e o azote são os elementos predominantes do ar, não

são por isso os unicos indispensaveis á manutenção da vida dos seres organisados. O acido carbonico, a agua, o ammoniaco, o proto-carbureto de hydrogenio, o acido azotico, e outros corpos existem ainda na atmospherica no estado gazoso, e os tres primeiros sobre tudo funcionam activamente como sustentaculos da vida organica.

As origens hoje conhecidas do acido carbonico, do ammoniaco e da agua, que se encontram na atmospherica, são diversas, e, pelo que respeita ás dos dois primeiros, é muito de suppor que ellas tenham variado nas differentes épocas da existencia do globo.

O acido carbonico é um dos productos gazosos constantemente emitidos da massa interior do globo; acompanha as emanações volcanicas; surge atravez das fendas de diversas formações geologicas, e vem sempre associado ás aguas naturaes que brotam por toda a parte. Os innumeraveis focos de combustão que os homens entreteem, a respiração dos animaes e a corrupção das materias organicas géram torrentes d'este gaz.

A principal origem do ammoniaco, que se encontra na atmospherica, é a decomposição das materias organicas azotadas e principalmente das materias animaes que se putrefazem depois de sairem para fóra do dominio da vida. Nas emanações volcanicas tambem se encontram productos ammoniacaes, e é ainda provavel que a ammonia se forme n'outras reacções, que se passam no interior e á superficie do globo.

Ambos estes corpos, acido carbonico e ammonia, servem para a nutrição dos vegetaes; o ultimo fornece o azote para a constituição das materias azotadas das plantas, e o primeiro fornece-lhes o carbonio e restitue o oxigenio á atmospherica.

A produção e consumo do acido carbonico e do ammoniaco podem talvez equilibrar-se de sorte que a sua reserva atmospherica se conserve constante dentro de certos limites. Mas ninguem pôde affiançar com segurança que as coisas se passam d'este modo. O que parece innegavel é que, nas épocas em que viveram os vegetaes, cujos restos constituiram, depois de sepultadas, os grandes depositos carboniferos, o acido carbonico era mais abundante na atmospherica do que actualmente. As irrupções da materia ignea do interior do globo, mais frequentes n'essas épocas, em que a crusta da terra se não achava tão consolidada como actualmente, deviam trazer para a atmospherica maior quantidade de acido carbonico, constituindo d'este modo um meio mais favoravel á vegetação exuberante que assombrou a terra antes da criação do homem.

Nenhuma das substancias volateis, que se encontram na atmospherica, é mais variavel nas suas quantidades do que agua, que alli se acha sempre no estado gazoso; as suas variações oscilam entre limites muito afastados e dependentes da temperatura do ar, das suas correntes re-

gulares e irregulares, e dos phenomenos electricos, mas, em relação á totalidade da atmospherá, póde dizer-se sem inconveniente que a quantidade da agua contida no ar é constante na época actual, sem comtudo ficar prejudicada a existencia de maiores quantidades de vapor aquoso n'aquellas épocas, em que, a uma temperatura normal mais elevada em todo o nosso planeta, devia corresponder uma capacidade maior de saturação do ar.

Occorre-nos outra questão, que com esta se liga, e que apenas tocaremos de passagem, porque tambem é do numero d'aquellas que a sciencia não póde ainda resolver de um modo positivo e certo.

Um grande numero de factos parece comprovar a existencia de uma quantidade muito superior de agua á superficie do globo nos periodos geologicos mais afastados. Para onde foi essa agua que cobriu a maior parte dos actuaes continentes? É verdade que a sublevação das montanhas que successivamente se foram formando, deixou, pela ellevação das terras, vales mais profundos em que uma parte das aguas se poudé accommodar; mas, por outro lado, temos a prova positiva de haver passado para a atmospherá consideravel porção do mesmo corpo no estado aeriforme, que não foi totalmente restituída pela condensação, caindo novamente em chuvas sobre a terra.

Em consequencia das grandes revoluções do globo, ou das modificações que tem soffrido a crusta da terra, enormes porções de mar ficaram prezas entre os continentes, constituindo verdadeiros mares limittados ou mediterraneos: alguns d'estes, sem communicação com os Oceanos, e sem receberem o tributo de grandes rios, têm successivamente perdido pela evaporação as suas aguas, achando-se hoje reduzidos a tal estado de concentração que os torna excessivamente salgados: taes são, na America o Grande-Lago-Salgado no paiz de Utah, e no antigo continente os lagos d'Ourmiah, Elton e Asphaltico ou mar morto. Este ultimo, tendo hoje o seu nivel 400 metros abaixo do do mediterraneo, mostra bem claramente haver perdido pela evaporação uma enorme quantidade de agua, e por isso ficou reduzido a um verdadeiro fundo de mar, a um reziduo extraordinariamente salgado, crasso, espesso e repugnante, improprio á vida dos animaes e das plantas aquaticas, sem vegetação em torno de si, sem harmonia, sem belleza, e sem movimento, um cadaver de mar, finalmente o mar morto. O Elton na Russia apresenta ainda um estado de concentração superior ao do mar Asphaltico, que indica a perda de uma consideravel quantidade de agua por evaporação. Hoje é elle para a Russia uma verdadeira salina, d'onde se abastece grande parte do imperio. Nos grandes mares não é facil verificar actualmente se com effeito ha diminuição de aguas ou abaixamento de nivel, porque as terras que se descobrem no litoral podem tambem emergir por suble-

vação, em virtude de impulso interior do globo; mas a perda constante, ainda que lenta, de uma parte da agua dos mares não tem nada de improvavel.

Alguns physicos tem já pensado que nos limites da atmosphaera, aonde a força elastica do ar se equilibra apenas com a gravidade que o prende á terra, uma parte d'este fluido se escapa para o espaço abandonando o nosso globo, e por esse caminho se perde tambem a agua com os outros componentes do ar. Admittida a possibilidade d'esta hypothese, a massa total da nossa atmosphaera póde soffrer constante ainda que lenta diminuição.

Por outro lado é tambem verdade que, se a materia se póde escapar da terra para o espaço, nada se oppõe a que o nosso planeta, encontrando o equivalente d'essa materia em outro lugar, durante a sua nunca interrompida marcha, se aproprie d'ella, recuperando em uma parte ao que n'outra perdêra. São hypotheses estas em que o espirito vagueia sem vantagem para a sciencia pela impossibilidade de sair para fóra do campo das conjecturas. Só no fim de muitos seculos é que as observações barometricas nos poderão dizer de um modo positivo se o ar augmentou ou diminuiu de peso, e por conseguinte se adquiriu ou perdeu materia.

Entretanto do exame dos factos até hoje observados se colhe evidentemente que parte da atmosphaera de outras épocas se acha consolidada constituindo uma porção notavel da crusta solida do globo. A maior parte dos restos da organização antiga, a antracite, a hulha, os lignhites, e todos os depositos carboniferos, que tiveram origem no reino vegetal, e por outro lado os fosseis de origem animal e quasi senão todos os carbonatos calcareos, constituidos na sua maxima parte pelos restos de myriades de milhões de animaes inferiores, representam o acido carbonico tirado á atmosphaera de outras éras e durante largos periodos, cuja grandeza é hoje impossivel determinar. Este trabalho da solidificação da atmosphaera continúa ainda hoje, e talvez sem compensação ou restituição do equivalente de materia gazoza.

Não se póde duvidar que entre a atmosphaera e os seres organisados existe a circulação não interrompida dos elementos organicos, de que já fizemos menção, e que repetiremos aqui para commodidade dos leitores que não tiverem prompta remeniscencia. — As plantas crescem em grande parte á custa do acido carbonico e da agua da atmosphaera, que decompõe, apoderando-se do carbonico e do hydrogenio e libertando o oxigenio. O oxigenio é respirado pelos animaes, servindo-lhes em parte para queimar o seu carbonio e o seu hydrogenio, que n'esse acto se convertem em acido carbonico e agua os quaes passam novamente para a atmosphaera. Se o numero dos animaes estiver em relação com o das plantas, poderão elles produzir tanto acido carbonico quanto seja



necessario para a nutrição d'ellas, que a seu turno lhe restituirão o oxigenio necessario á respiração d'aquelles. A compensação não é impossivel e quadra bem á harmonia do mundo. Póde porém acontecer que as cousas se passem de outro modo. O acido carbonico não é unicamente produzido pela respiração dos animaes: já indicámos outras origens permanentes d'este gaz: tambem não é consumido unicamente pelos vegetaes; a formação dos carbonatos tanto no reino inorganico como organico deve d'elle absorver uma boa parte. Tambem o oxigenio não se emprega unicamente em alimentar a respiração dos animaes; nas combustões, nas fermentações e putrefacções, na oxidação dos metaes e em outros phenomenos chymicos se consome oxigenio: mas a producção d'este gaz ou a sua regeneração pertence quasi exclusivamente á redução do acido carbonico e da agua effectuada pelos vegetaes. Assim parece á primeira vista que o consumo do oxigenio excede a sua producção e que da reserva atmospherica se gasta o necessario para cobrir este excedente. Ir-se-ha por conseguinte accumulando um deficit no orçamento do oxigenio em prejuizo da vida animal? Quem o poderá dizer com segurança. E a ser assim, não poderiam os homens, que dominam o globo terrestre, augmentar a producção do oxigenio propagando e activando a vegetação? A uma vegetação mais extensa e poderosa corresponde de certo uma producção mais avultada de oxigenio: mas não é debaixo d'este ponto de vista que o incremento da vegetação é mais proficuo aos homens, pelo menos immediatamente. A quantidade do oxigenio existente no ar é tão avultada que, como diz Dumas, exagerando ainda todos os dados, seria necessario que decorressem 800.000 annos para que os animaes o consumissem, suppondo mesmo, que a vegetação havia cessado á superficie da terra: mas, se a vegetação cessasse durante um só anno, os animaes pereceriam todos por falta de alimento. Os vegetaes interessamos por conseguinte mais como alimento da vida animal do que como productores de oxigenio: todavia por serem mais interessantes debaixo d'este ponto de vista, não deixam tambem de o ser, e muito, em relação á pureza do ar e sua benefica influencia sobre os climas.

O ar, os vegetaes e os animaes são solidarios n'esta grande harmonia, que constitue a vida á superficie da terra, e o homem, dominando aqui pela intelligencia com que o dotou o Creador de todas as coizas, tem até certo ponto a responsabilidade da conservação d'esta harmonia.

J. PIMENTEL.

## CHRONICA

Antes de principiarmos a escrever a chronica, fomos examinar a nossa estante, e encontrámos lá tres livros novos! Livros novos, quer dizer, publicados modernamente, e que ainda não registrámos n'estas paginas. Não vão cuidar que eram livros que nos faltavam ler; eram livros já lidos, e lidos attentamente. Os nomes que os firmam são d'aquelles que logo promovem curiosidade, e que não deixam reservar para tarde a leitura, como verão depois de citados. Tiraremos os volumes da estante sem fazer escolha, buscando em seguida aprecial-os singelamente, com a singeleza propria de uma chronica.

Eis o primeiro: *Notizie intorno agli Scritti, di Manoel Maria Barbosa du Bocage*. É uma analyse litteraria do poeta, devida á penná do erudicto Vegezzi-Ruscalla, escriptor italiano que conquistou merecido prestigio entre os nossos homens de letras pelos relevantes serviços que tem prestado á litteratura portugueza, tornando conhecidas no seu paiz as nossas primeiras illustrações. No *Commercio do Porto*, escreveu já o nosso collega o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, a biographia de Vegezzi-Ruscalla. É um trabalho meditado e consciencioso; é um retrato admiravel e que deve estar semelhante, traçado como foi, por um pincel verdadeiro e competente.

O livrinho de Vegezi-Ruscalla é um bello esboço critico de Bocage, reproduzindo com verdade as feições mais caracteristicas do seu grande talento. Denuncia que o estudou, que o comprehendeu e que ficou habilitado a poder levantar uma estatua de esboço no dia em que tal emprehendesse. Realisou todavia, o que tinha em vista. Realisou, desenhar com exactidão o perfil de Bocage para que os seus compatriotas lh'o conhecessem, despertando-lhes a vontade de ver o rosto inteiro do poeta! Assim tem praticado sempre, conseguindo que os vultos litterarios da nossa terra podessem manifestar-se na sua. São dividas que não tem resgate. A quem as promove não ha palavras para as agradecer; ou ha só duas: obrigado, irmão!

Vamos agora abrir o segundo livro. *Contos ao luar*, por Julio Cesar Machado. *Contos ao luar!* que titulo! um titulo caprichoso! um titulo suave! um titulo poetico! um titulo feiticeiro! um titulo, finalmente para senhoras! E como não havia de chamar-se assim um livro de Julio Cesar Machado! um livro do folhetinista da *Revolução de Setembro!* um livro do escriptor da moda! Exigia um titulo excetrico, original, curioso! Um titulo



para as leitoras assíduas da terça feira! E achou-o como tem sempre achado tudo que lhes pôde agradar! *Contos ao luar!* Singelo como o seu estylo, poetico como as suas divagações, elegante como a sua critica! Nasceu folhetinista e o folhetinista ha de relevar-se sempre! Aquellas phrases scintillantes, aquelles periodos travessos, confundem-se, succedem-se, espraiaem-se, e tudo naturalmente, e tudo sem esforço. Vejam como elle principia: *A quem ler o livro:*

.... «E depois, eu não sei bem porque chamei ao meu livro *Contos ao luar!* Por mil motivos; por nenhum, talvez. Não podiam estas historias ter sido contadas em noite de verão, n'uma quinta, n'um terraço, a uma janela, ou sobre o mar! É por ventura estranho que ellas nascessem das vagas inspirações que nos dá a lua, quando, um instante parece namorar-nos fixa, e depois esquivar-se, vaidosa de estar tão alta, escondendo a face bella por detraz de uma nuvem branca? Ou ainda não nascerá o titulo da indole d'estas historias, de um capricho essencialmente moderno, fogoso, excentrico, desigual, tão depressa pondo o pé na realidade, mais trivial, como mettendo a cabeça na nuvem da mais alta phantasia, cheio de gritos, de sorrisos e de relampagos subitos, misturando a paixão com a ironia, fazendo estremecer com uma accentuação comica, dizendo as cousas mais tristes e fataes no tom de conversa, dominando o andamento da acção a seu bel-prazer, precipitando-o, retardando-o, fazendo-o obedecer como um escudeiro elegante e habil a um cavallo fino que roe o freio?»

Nasceu de tudo isso! nasceu da tua imaginação que é assim, exaltada, inquieta, buliçosa e rica! É a tua feição, é a tua individualidade litteraria!

Em todos os contos que formam o livro transparece o que te dizemos. São pequenos quadros singelos na composição, mas esplendidos de coloridos e realçados por mimosos toques de finas tintas! Lêem-se rapidamente, lêem-se como os teus folhetins. Ha bellos trechos de poesia nos *Noivos*; ha excellentes dialogos no *Salvador e Magdalena*; ha riqueza na descripção das *Festas de Nazareth*; ha mimo e espirito nas *Memorias de um baile!*

É esta a minha opinião sincera, verdadeira e franca. É isto que os limites da chronica me permitem dizer do teu livro, livro que todos — e todas — hão de lêr com alvoroço e interesse, e que o editor ha de esgotar com rapidez.

Passemos ao terceiro livro. Intitula-se *Lendas Peninsulares*, por José de Torres. São dois volumes nitidamente impressos como todas as obras publicadas pelo editor Pereira. Quanto ás *Lendas Peninsulares*, é um excellento trabalho que fazia a reputação do seu auctor, se este não fosse já vantajosamente conhecido na republica das lettras. O estylo é correcto e apropriado ao assumpto. Agouramos-lhe lisongeiro acolhimento.

A proposito cabe aqui mencionar outra publicação, que já conta quatro tomos. São as *Lendas da India*, por Gaspar Corrêa, publicadas de ordem da classe de sciencias moraes, politicas, e bellas lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner. É facil prever qual será a valia da obra, confiada como foi a tão competente e erudicto escriptor.

ERNESTO BIESTER.

